

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FERNANDO PEIXOTO STEVAUX

**O SOCIALISMO UTÓPICO DE CHARLES FOURIER E SUA UTOPIA DE  
INFÂNCIA E EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS**

CAMPINAS/SP

2012

Campinas, janeiro 2012

---

Profª Drª Ana Lúcia Goulart de Faria  
ORIENTADORA

---

Profª Drª Patrícia Piozzi  
SEGUNDA LEITORA

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA  
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP  
Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

St46s Stevaux, Fernando Peixoto.  
O socialismo utópico de Charles Fourier e sua utopia de  
infância e educação das crianças / Fernando Peixoto  
Stevaux. – Campinas, SP: [s.n.], 2011.

Orientador: Ana Lúcia Goulart de Faria.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –  
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de  
Educação.

1. Fourier, Charles, 1772-1837. 2. Utopia. 3.  
Socialismo. 4. Educação. 5. Infância. I. Faria, Ana Lúcia  
Goulart de. II. Universidade Estadual de Campinas.  
Faculdade de Educação. III. Título.

12-058-BFE

## Agradecimentos

À orientadora Prof<sup>a</sup>. Ana Lúcia, não somente pela orientação e atenção que dedicou para a concretização deste TCC, como também pela participação intensa em minha formação acadêmica, nas experiências compartilhadas, nos exemplos de luta pela educação pública de qualidade e pelo respeito aos direitos das crianças.

À Prof<sup>a</sup>. Patrícia, pelas contribuições teóricas dadas no início da pesquisa e pelo enorme prazer em tê-la como segunda leitora.

Ao co-orientador e também primeiro leitor deste trabalho, Peterson Rigato, que não mediu esforços para me auxiliar nas pesquisas e elaboração deste trabalho, pela colaboração e incentivo.

À turma de companheiras de pesquisa de TCC, pelas trocas e principalmente pelo apoio nesta difícil tarefa que me propus. *“Obrigado turma, espero que gostem do trabalho que realizamos”*.

À minha mãe, Vera Regina, pelo amor que não dá para explicar por palavras. Aos meus irmãos, Ricardo, Alexandre e Marcos e às minhas tias Maria Helena e Carmem Silvia pelo apoio aos meus estudos.

A todos os trabalhadores e Trabalhadoras da Unicamp - das secretarias, bibliotecas, bandejão, segurança, limpeza, docentes - principalmente os da Faculdade de Educação e dos programas educativos.

Aos amigos e as amigas de longas datas, que me escutaram e com quem dividi muitas de minhas utopias. Desde os que estão distante até os bem próximos e que dividem o cotidiano de Barão Geraldo e da Vila São João.

*"A gente tem que sonhar,  
senão as coisas não acontecem."*

Oscar Niemeyer

## Resumo

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo refletir sobre o pensamento de Charles Fourier referente à infância e educação das crianças e trazer os conceitos de socialismo utópico e utopia. Charles Fourier, juntamente com Saint Simon e Robert Owen, introduz como matéria para reflexão os problemas sociais da sociedade de sua época, evidenciando a realidade contrastante do modelo econômico, político e social que se desenvolve a partir da Revolução Industrial. A preocupação sobre as péssimas condições de vida, o desemprego, a opressão da mulher e da criança, a exploração do trabalho, assim como as proposições de soluções a estes problemas, caracterizam as principais contribuições deixadas por estes pensadores. Friedrich Engels, em sua clássica obra *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*, classifica as ideias desses pensadores como utópicas, contrapondo ao socialismo científico, o qual defende. Incomodado pelo caráter utópico defendido por Engels, o presente trabalho pretende explicitar as principais características do pensamento utópico e da utopia socialista, possibilitando, assim, a melhor compreensão sobre o sentido e importância de suas teorias de infância e da educação das crianças.

**PALAVRAS-CHAVE:** Utopias, Socialismo Utópico, Charles Fourier, Educação, Infância.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	1
<b>1 - Utopias e a Utopia Socialista</b> .....	3
1.1 - O sentido do pensamento utópico.....	3
1.2 - “Não é a utopia que tem história e sim a história que tem a utopia”.....	7
1.3 – Os Socialismos Utópicos.....	16
<b>2 - Charles Fourier: Vida e obra</b> .....	26
2.1 - Quem foi Charles Fourier?.....	27
2.2 - As paixões em Fourier: Principais ideias e críticas.....	32
<b>3 - A Infância e a Educação das crianças para Charles Fourier</b> .....	38
3.1 - A educação da criança para Charles Fourier.....	38
3.2 – A Infância Emancipada.....	48
<b>Considerações Finais</b> .....	51
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	56
<b>Anexos</b>	
Transcrição do vídeo <i>El Derecho al Delirio</i> – Eduardo Galeano.....	58
Poster.....	60

## Introdução

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo suscitar reflexões sobre infância<sup>1</sup> e educação das crianças a partir da apresentação de algumas das ideias do filósofo francês Charles Fourier.

O interesse pela temática deste estudo surgiu devido à grande relevância das ideias e críticas de Fourier para as minhas reflexões acerca da infância e da educação de crianças desde que iniciei o curso de Pedagogia.

Ao mesmo tempo em que os pensamentos de Fourier iluminavam minhas reflexões, havia críticas que o desqualificavam por ser um pensador utópico, já que pertence a uma corrente de pensamento pré-marxista denominada socialismo utópico, que, de forma antagônica ao socialismo científico, revolucionário, proposto por Marx, era puramente idealista e, por esse motivo, considerado reacionário.

A partir dessas críticas considerei ser de fundamental importância o estudo, não somente do sentido da utopia socialista como também do próprio conceito de utopia, investigando a bibliografia que aborda essas temáticas e procurando traçar diálogos entre elas e as ideias de Fourier.

No primeiro capítulo proponho algumas reflexões sobre o conceito de utopia e o sentido do pensamento utópico, analisando algumas de suas manifestações históricas, tomando como objetivo a melhor compreensão da utopia socialista.

---

<sup>1</sup>Condição social do ser criança

O segundo capítulo é destinado a apresentar os caminhos tomados pela vida de Fourier, suas principais ideias e críticas.

Assim, feitas as reflexões acerca do conceito de utopia e do sentido da utopia socialista de Fourier, dedicarei o terceiro capítulo a apresentar suas utopias de infância e educação das crianças.

Nas considerações finais, proponho algumas reflexões sobre o sentido da utopia na contemporaneidade, discutindo sobre e a relevância do pensamento de Fourier acerca da infância e educação das crianças nos dias de hoje.

## 1 – Utopias e a Utopia Socialista

“Ela está no horizonte, me aproximo dois passos. Ela afasta dois passos, caminho dez passos. E o horizonte corre dez passos; por mais que caminhe, jamais a alcançarei; Para que serve a Utopia? Serve para isso; Para caminhar”  
(Fernando Birri)<sup>2</sup>

### 1.1 – O sentido do pensamento utópico

Em nossa linguagem cotidiana nos referimos à palavra utopia nas mais variadas situações. Quando alguém sugere algo novo, inovador, por exemplo, é comum escutarmos entre os comentários: “Ah, deixa de ser utópico! Seu sonhador!”, ou mesmo, “Isso é utopia, né?”. Em outras ocasiões, escutamos: “Temos que retomar nossas utopias! Nossas bandeiras de luta!” Prerrogativas que trazem o uso do termo Utopia com significados e sentidos diferentes, depreciativo, como no primeiro exemplo, onde a utopia é entendida como um sonho, e por isso fora do real, algo impossível de acontecer, de se concretizar, e otimista no segundo pela exaltação a retomar as utopias, recuperá-las, trazer novamente nossos sonhos, que por algum motivo se perderam, e ao retomá-los lutar para concretizá-los.

---

<sup>2</sup> Expressão utilizada pelo cineasta argentino Fernando Birri para definir o sentido do pensamento utópico, relatado pelo jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano, no vídeo *El Derecho al Delirio*.

Coelho (1980), em sua obra *O que é Utopia?*, explica que o pensamento utópico é um pensamento humano peculiar, possuidor de certas particularidades para se configurar. Ele pode, sim, ser entendido como sonho a ser perseguido, mas, ressalta, não se trata de qualquer sonho! O sonho, para representar uma utopia, segundo Coelho (1980), deve corresponder a determinadas características, caso contrário, corremos o risco de fazermos um uso depreciativo de seu sentido e significado, como que acontece nos exemplos acima.

Para Coelho (1980), o pensamento utópico surge como ação do pensamento humano quando ele ainda não se encontra embrutecido pela própria fraqueza ou pela realidade que o oprime. Preservando a liberdade de se opor à realidade, mesmo quando essa se encontra extremamente opressora, e manifesta-se nesses momentos, como força contraditória. Nesse sentido, poderíamos definir a utopia, para além do sonho, como sendo sinônimo de esperança; utopia seria a esperança de que aquilo que não exista possa vir a existir. Mas, segundo Coelho (1980), sonho e esperança ainda seriam inadequados para indicar o sentido do pensamento utópico, pois, acima de tudo, “não somos nós que o temos e, sim, o sonho que nos tem”. (COELHO, 1980, p.7) E o sonho, assim com a esperança, “escapa ao nosso controle, impondo-se a nós tanto quanto se insinua sobre nós essa realidade manca ou sufocante que precisa ser mudada”. (COELHO, 1980, p.7)

Chegaríamos mais perto de uma definição adequada a essa força contraditória se pensássemos na imaginação. Essa capacidade que permite ao ser humano criar e recriar sua própria realidade e sem a qual a vida seria como

uma câmara escura, estática. Assim, a imaginação, diferentemente da esperança e do sonho, potencializa a ação humana sobre a realidade e vice-versa.

No entanto, imaginar outra realidade quando esta se encontra insuportável e sufocante, não é tão simples. Não surge apenas das experiências subjetivas de cada pessoa, voltada unicamente ao seu restrito campo individual. Segundo Coelho (1980), essa imaginação deve ser exigente, direcionada para ambições coletivas, com a intenção transformar a realidade social profundamente. A essa imaginação exigente, Coelho (1980) denomina: imaginação utópica.

Para Coelho (1980), imaginar utopicamente constitui-se em uma função própria e constante do ser humano, lhe é inerente, determinada não por princípios biológicos, mas por fatores sociais e históricos. É ela que trata de encontrar alternativas à realidade social quando esta se encontra estagnada, sufocada, impregnada pelas práticas repetitivas impostas pelas instituições e ideologias opressoras - contrariando o que sempre repetem os burocratas, que, com justa razão, veem no exercício dessa imaginação um perigo a suas vontades autoritárias.

Neste sentido, Coelho (1980) destaca a importância do exercício da imaginação utópica, que deve estar presente a todo o momento, seja na escola, na política, passando pela vida amorosa. Pois, como defende Coelho (1980), imaginar configura-se, além de uma necessidade humana, como um direito. Direito de mulheres e homens de imaginar para sobrepor-se aos apelos e exigências degradantes da realidade.

A imaginação utópica não se manifestou apenas em determinados momentos da história e menos ainda se dispensa nos dias de hoje. Ela sempre

esteve presente, não pretendendo perpetuar-se como algo não realizado, pois, pelo contrário, é prepositiva, busca a materialização de seus objetivos; e sempre que este se encontra como algo estabelecido (realidade), como resultado da ação utópica, existirá um resto que permanece para ser retomado por outra imaginação utópica, um excedente utópico a funcionar como mola para as transformações históricas. Partindo do pressuposto que sempre existe algo ainda não atingido, não realizado que busca realizar-se numa nova projeção utópica.

Para o filósofo francês Jean-Cristian Petitfils (1977), estudioso do pensamento utópico, este sempre esteve presente na história, algumas delas voltando ora para o passado e exaltaram o velho mito da “idade de ouro” primitiva, ora para o futuro, traduzindo a expectativa de um mundo regenerado pelo progresso e pela técnica. Nesse sentido, Petitfils (1977) evidencia a existência de diferentes formas de manifestação do pensamento utópico; *“utopias puritanas e rigoristas, outras mais libertárias, algumas dão ênfase à igualdade, outras à liberdade. Há utopias liberais, socialistas, fascistas.”* (p. 11).

Em última análise, segundo Petitfils (1977), considera-se utopia todo projeto social. Mesmo o mais realista, mesmo o mais “científico”, sempre comportará uma parte de utopia, pelo simples fato de constituir-se como projeção de um ideal não concretizado, que a complexidade e diversidade do mundo sempre impedirão de se inscrever plenamente como realidade.

Mas como os utopistas podem esperar transformar a sociedade através da utopia?

Escolhendo o caminho da inversão do mundo pela utopia. Acreditam que seu modelo social se imporá por si mesmo, simplesmente porque a verdade sempre acaba por triunfar:

Convencidos de serem os donos da verdade, acreditam que podem modificar a vida apenas pela força persuasiva de suas ideias, ante as quais o universo inteiro, pasmo e reconhecido, é convidado a inclinar-se. (PETITFILS, J.C., 1977, p. 12).

Convictos dessa ideia, colocaram em prática, durante todo curso da história, inúmeras tentativas de implementação de modelos utópicos, por meio de pequenas comunidades isoladas, a margem do tempo e dos conflitos sociais, buscando através do exemplo perpetuar-se como realidade.

## **1.2 - “Não é a utopia que tem história e sim a história que tem a utopia”**

Petitfils (1977) descreve a trajetória histórica das principais expressões do pensamento utópico, desde a antiguidade, partindo dos filósofos gregos, que através de suas reflexões idealizaram inúmeras propostas sociais voltadas para a realização da sociedade pretendida como ideal para o futuro.

Para Coelho (1980), Platão é o primeiro grande expoente do pensamento utópico, através de seu diálogo “*A República*”, descreve como seria a cidade perfeita, a pólis ideal, projetando assim sua Nova Atenas, idealizada para tornar a cidade o espaço por excelência da dimensão humana. Para tanto, Platão a idealiza como sendo o oposto à cidade do erro, identificada como a cidade

perdida, localizada numa suposta Atlântida, cidade desmedida de ambições e de injustiças, criada por um deus agitado, Poseidon<sup>3</sup>. Uma cidade rica, onde tudo existiria em abundância, mas pautada pela irracionalidade: os impostos são pesados e indiscutíveis, os castigos e penas se proliferam sem as exigências das leis justas e aceitas pelo povo. Já os governantes se configuram uma espécie de casta divina e degenerada.

Já sua utopia, Nova Atenas, é o oposto. Segundo Petitfils (1977), ela é elaborada para ser um modelo de cidade capaz de tornar os seres humanos habitantes perfeitamente virtuosos. Para atingir esse objetivo Platão idealiza uma sociedade fundada no profundo espírito de racionalidade de sua população. Em sua pólis ideal é indispensável separar o poder político do poder econômico, seus habitantes não se agrupam segundo seus níveis de renda, segundo suas riquezas, mas conforme suas ocupações.

Neste sentido, Coelho (1980) comenta a teoria platônica dos três estados sociais: os dois primeiros formados pelos governantes e auxiliares, a todos os militares caberia a defesa da comunidade e a administração da pólis, responsáveis pelos postos da burocracia, do exército e da polícia. Já o terceiro é formado pelo restante da população, os artesões, que se dedicam à reprodução material da sociedade, limitados, em suas produções e comércios, pela lei que impedia o fim das desigualdades excessivas de riquezas.

Do primeiro estado também seriam escolhidos aqueles que exerceriam o poder em nome de todos, destacados por Coelho (1980) como sendo expressão

---

<sup>3</sup> Poseidon, original de Creta, designado por Zeus como deus supremo do mares; para os romanos, Netuno.

básica da exigência da imaginação utópica de Platão, pois esses seriam filósofos. Um filósofo no poder, a serviço do povo enquanto estivesse a serviço da sabedoria. O maior talento da comunidade passaria a servi-la, dirigindo-a, não por vontade própria, nem por ambição, mas por dever de cidadão.

No entanto, esse governante seria escolhido e indicado e não eleito pelo voto direto. Platão não aceitava o processo eleitoral como sendo o mais adequado para escolher o governante de sua nova Atenas. Para ele, pelo voto se acabaria por escolher governantes baseados no desconhecimento da realidade, motivado pelas simpatias e pelas promessas; não seria escolhido o cidadão mais virtuoso para ser o governante.

Petitfils (1977) indica outras exigências providas da imaginação utópica elaborada por Platão em seu projeto utópico; algumas delas persistem até os dias de hoje como utopias a serem atingidas. Entre elas destaca-se: a abolição da propriedade privada para os homens públicos; a igualdade entre os sexos (evidenciada pela exigência de uma educação tanto para homens quanto para mulheres ao contrário do que ocorria na Grécia de Platão); o direito de educação para todos, oferecida como dever da República. Enfim, não sendo objetivo do estudo aprofundar-se no estudo de "*A República*" de Platão, acredito ter deixado claro, através das características aqui apresentadas, sua indicação como um dos representantes do pensamento utópico presente na antiguidade.

Durante a Idade Média, as Utopias tiveram nas manifestações religiosas sua maior forma de expressão. Conforme afirma Coelho (1980), não podemos desprezar o pensamento religioso como fonte de imaginação utópica, mesmo sendo acusado de misticismo alienatário. O pensamento sagrado traz em seus

conteúdos características que estariam presentes em qualquer projeto utópico, sejam de qual época for, antiguidade, Europa renascentista ou a segunda Revolução Industrial. Por exemplo, fala-se de um lugar onde todos viveriam da mesma crença, e tudo teriam em comum, supondo-se que esse seria o melhor dos mundos a se viver, o paraíso, lugar de vida comum onde todos repartiriam as mesmas refeições com alegria e simplicidade.

No entanto, apesar de o pensamento religioso constituir-se como representante da manifestação utópica, ele não traz consigo a pretensão de estimular um posicionamento contestador sobre a sociedade, ele apenas relata esse outro lugar, essa outra possibilidade de existência, sem fazer nenhuma menção crítica ao mundo material do presente. Nesse sentido, esta pesquisa não discutirá essa questão ou manifestação do pensamento utópico, pautada na religião. Focarei apenas aquelas utopias que tenham proximidade com a materialidade do mundo real, e se constituem, por esse motivo, em utopias políticas, com proposições mais claras e contundentes.

Desde a antiguidade, segundo Coelho (1980) após longo tempo de ausência da manifestação do pensamento utópico com sentido político, surge, no século XVI, a mais emblemática de todas as obras utópicas, responsável pela divulgação do termo utopia, descrito como título no livro de mesmo nome, “A Utopia”, de autoria de São Thomas More<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> O inglês Tomaz More nasceu em 1477. Advogado célebre, membro do Parlamento, relator do Conselho de Estado, membro do Conselho Privativo, Thomas More foi conclamado chanceler da Inglaterra em 1529. Em 1532 demitiu-se dessas altas funções em consequência do rompimento de Henrique VIII com o catolicismo romano. Recusando-se a prestar juramento à Igreja cismática da Inglaterra, aceitou decididamente o martírio e a morte. Foi decapitado a 6 de junho de 1535, após um processo iníquo e escandaloso. (PETITFILS, J.C. 1977, p. 17)

Escrita na forma de um diálogo entre More e Raphael Hythloday, companheiro de viagem de Américo Vespúcio, “A Utopia” relata a vida melhor levada pelos habitantes de uma ilha de nome Utopia, palavra de origem grega, *ou-topos*, que significa o mesmo que: o não lugar, ou lugar nenhum.

A ilha de Utopia é representação clara da imaginação utópica. Idealizada por More para ser o oposto da realidade econômica e social em que se encontrava a sociedade inglesa na época, configura-se como uma crítica virulenta à estrutura social da época.

Para tanto, antes de iniciar a descrição da maravilhosa ilha de Utopia descrita por Hythloday, More traça um quadro sombrio da situação econômica e social da Inglaterra do século XVI, desvelando uma sociedade degradada pela cobrança de altos impostos, e pela corrupção, onde a imensa pobreza da maioria do povo contrasta com a riqueza e o luxo ostentada por um pequeno grupo de privilegiados representantes da aristocracia inglesa.

Utopia possui uma capital, a cidade de *Amaurotum*, nome que significa “a cidade do sonho” ou “castelo no ar”. Apesar de Utopia ser uma ilha, More destaca a cidade, a vida na cidade. Usando de uma nomenclatura no mínimo provocante, já que: *Amaurotum* é banhada por um rio *Anydrus*, cujo significado é “o rio sem água”; seus cidadãos são os *Alapolitas*, isto é, “cidadãos sem cidade”, governados por *Ademus*, “aquele que não tem povo”. Enfim, toda nomenclatura utilizada por More para descrever a sua ilha de Utopia possui esse tom satírico.

Esse tom satírico, segundo Coelho (1980), é utilizado por More como forma de demonstrar sua insatisfação com as condições sociais nas quais se encontrava o povo inglês, e também, por outro lado, como forma de driblar a censura e

repressão à liberdade de expressão. No entanto, é nítida a proposição de More em fazer de Utopia uma negação da Inglaterra de seu tempo.

Em Utopia não existe propriedade privada, para More, “o único meio de organizar a felicidade pública” (MORE, T. 2005, p.48), os bens materiais são reduzidos ao estritamente necessário, e as trocas de bens e serviços se fazem gratuitamente à base das necessidades da comunidade.

Todos trabalham em Utopia, sem exageros. Mulheres e homens se dedicam ao trabalho em uma jornada reduzida, trabalham três horas pela manhã e três horas pela tarde, garantindo assim, um bom tempo para descanso e o lazer.

A influência de Platão sobre a Utopia de Thomas More é evidente. Ambas as sociedades se estruturam através dos princípios da razão em busca desenvolvimento pleno das virtudes de seus habitantes. No entanto, existem algumas divergências em seus pressupostos. A utopia de More não é concebida apenas para uma elite, mas para todo o povo, a escravidão existe reservada apenas para prisioneiros de guerra e criminosos.

O ideal antigo da virtude e da razão está no centro da moral utópica, cuja finalidade é fazer desaparecer o espírito de lucro e da cupidez, que escraviza o homem às vaidades desse mundo. Os bens materiais são, aliás, reduzidos ao estritamente necessário, pois se trata, sobretudo, de proporcionar a todos os cidadãos o lazer para aperfeiçoar sua alma e cultivar seu espírito, libertando-se da matéria. Para eles essa é a verdadeira felicidade. (PETITFILS, 1977, p. 19)

A obra de More tem um importante lugar entre as utopias críticas que visam despertar a consciência quanto às injustiças do mundo. O que fica claro ao

analisarmos as intenções de More quando descreveu a ilha de “lugar nenhum”.

Essa obra permitiu a More

(...) atacar com violência a Inglaterra de sua época, uma sociedade mercantil dominada pela atração do lucro, pela aristocracia improdutiva, bem como o fanatismo religioso de seus contemporâneos. (PETITFILS, 1977, p.20)

Tanto na *A República* de Platão, quanto *A Utopia* de More, fazem valer, cada um em seu tempo histórico (Antiguidade e Idade Média), as características de um autêntico projeto utópico, ou seja, ambos se estruturam a partir da crítica à realidade que vivenciam para formular as soluções necessárias a se construir outra sociedade.

No entanto, nem todas as exigências presentes nestes projetos representam melhorias. Estas estão demasiadamente preocupadas em impor a ordem, em ordenar a sociedade, racionalizar a vida social. De forma mais acentuada em Platão do que em More, exageram nessa intenção. Para Platão, em sua Nova República, por exemplo, não tem sentido a existência de artistas não subordinados às exigências educativas do estado, muito pelo contrário, estes são motivados pelos sentimentos, e sentir representa um engano da razão, leva o cidadão a afasta-se da razão, a única consciência aceitável, capaz de trazer virtude a todos.

Platão argumenta que a arte só serve para enganar os homens, desviando-os da razão – mas o que ele teme na verdade é a liberdade, a contestação, a subversão, o caos criativo que a prática artística pode trazer ao negar os controles e as ideias feitas típicas da consciência racional. (COELHO, 1980 p.36)

Importante para esse estudo é evidenciar que, como pressuposto utópico, ambas as obras se configuram como representantes legítimas do exercício da imaginação utópica direcionada à ação política. Outras utopias políticas surgiram no decorrer da história, mas não se distanciaram muito das propostas elaboradas por essas duas obras.

Estes dois exercícios da imaginação utópica constituem, de certo modo, aquilo que se poderia chamar de arquétipo da utopia política, do qual derivam uma série de outros. Estes apresentarão variações, diferenças, penetrarão em campos não explorados por aqueles que irão mais longe, eventualmente; mas a estrutura básica é a que vem configurada na República e na ilha de Utopia. (COELHO, 1980, p.33)

A partir da Revolução Francesa, os projetos de reforma social surgiram cada vez mais sob a luz da possibilidade de sua realização efetiva. *“Neste momento a utopia deixa de ser caso de literatura e transforma-se em questão, hipótese e caminho da política. Uma outra palavra, senão um outro projeto, surgirá ao lado da utopia: revolução.”* (COELHO, 1980 p. 50)

Jean-Jacques Rousseau é um dos principais expoentes do utopismo com aplicação política revolucionária. Em seu *“Discurso sobre a origem e o fundamento da desigualdade entre os homens”*, de 1754, Rousseau traça argumentos contra a sociedade competitiva de sua época, em que a inocência e a bondade primitivas dos homens e das mulheres se perderam afetadas pelas relações que se estabelecem na sociedade cada vez mais comprometida pela interferência da propriedade privada e fatores econômicos, para Rousseau, os responsáveis pela imensa desigualdade social que assola a França de seu tempo.

Ora nada mais suave do que ele em seu estado primitivo, quando colocado pela natureza a distâncias iguais da estupidez dos brutos e das luzes funestas do homem civil, e igualmente conduzido pelo instinto e pela razão a se proteger do mal que o ameaça, ele é impedido pela piedade natural de fazer o mal a alguém, uma vez que nada o leva a isso, mesmo depois de ter recebido de outro. Pois, segundo o axioma do sábio Locke, *não pode haver injúria onde não existe propriedade*. (ROUSSEAU, 2002, p.17)

Outros utopistas surgiram antes e durante a Revolução Francesa. Esses tiveram suas ideias tomadas pelo otimismo da luzes e pelos acontecimentos políticos da Revolução. Piozzi (2007) destaca, em seu artigo “Utopias revolucionárias e educação pública: rumos para uma nova “cidade ética”, dois representantes desse momento, em que “utopia e realidade (revolucionária) encontravam-se indissociáveis”. São eles: Denis Diderot<sup>5</sup> e o Marquês de Condorcet<sup>6</sup>, os quais, além de precursores da luta pela educação pública, gratuita e laica, voltada para “todos os filhos da nação”, a ser realizada como dever do Estado, tinham também propostas pedagógicas alternativas como forma de aplicação prática de seus anseios de transformação, como:

(...) a adoção de um método de ensino focado no estímulo à inteligência e à criatividade, excluindo o treinamento de habilidades mecânicas e operativas e a transmissão de normas inquestionáveis de comportamento social. (PIOZZI, 2007, p.719)

Através da educação, esses pensadores acreditavam poder expandir ao máximo a capacidade universal humana de participar, de forma ativa e inteligente

---

<sup>5</sup> O francês Denis Diderot, nascido em 1713, diretor da Enciclopédia, liderou, ao lado de outros filósofos do século XVIII, o movimento dos *Enciclopedistas*. O movimento buscava, através do uso da enciclopédia, difundir o conhecimento obtido por meio do rigor científico na sistematização do conhecimento. (MANACORDA. M.A. 2006, p. 240)

<sup>6</sup> Marquês de Condorcet, famoso matemático, deputado revolucionário.

da produção econômica e da gestão política e de pensar e agir nas dimensões filosóficas e artísticas.

Assim, conforme mostra Piozzi (2007), a luta desses iluministas por educação pública, gratuita, laica e de direito, traduz, em si, um ideal utópico ambicioso.

O franqueamento do acesso a todos e os “currícula” voltados para expandir as faculdades intelectuais e inventivas, unidas a políticas de ampliação dos direitos sociais, iriam paulatinamente reduzir e, enfim, extinguir a desigualdade, transformando a divisão do trabalho em uma cooperação voluntária e complementar entre os talentos, isenta dos conflitos inerentes à estratificação das oportunidades entre as nações e classes ricas e pobres, entre os detentores do conhecimento e aquele que dele são privados. (PIOZZI, 2007, p.721)

Despertar o espírito de cooperação em oposição à realidade competitiva, eliminar a desigualdade em oposição à realidade social estratificada, enfim, projeções utópicas que, nos dias atuais, ainda se fazem necessárias, que ainda movimentam as lutas por uma sociedade mais justa.

### **1.3 – Os Socialismos Utópicos**

O progresso material e as questões sociais surgidas após as Revoluções Industrial e Francesa fizeram, como mencionado, aguçar a imaginação utópica dos filósofos do momento. Em suas teorias, a sociedade e suas instituições deveriam passar ser organizadas através da razão, como podemos verificar através das palavras de Engels, em sua obra clássica “*Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*”.

Só agora despertava a aurora, o reino da razão; daqui por diante a suspertição, a injustiça, o privilégio e a opressão seriam substituídas pela verdade eterna, pela eterna justiça, pela igualdade baseada na natureza e pelos direitos inalienáveis do homem. (ENGELS, 2005, p. 40)

No entanto, segundo Engels (2005), o império da razão pretendido pelos filósofos iluministas não significou mais do que o império idealizado pela burguesia, onde a justiça eterna tomou corpo na justiça burguesa, e os ideais da Revolução Francesa por liberdade, igualdade e fraternidade, se reduziram a liberdade de comércio sem escrúpulos, fortalecendo a exploração do trabalho de homens, mulheres e crianças; a igualdade se reduziu à igualdade burguesa em face da lei; e a fraternidade tomou corpo nas deslealdades e nas mesquinhas da luta de concorrência.

A disputa entre os interesses da classe burguesa e os defensores do antigo regime feudal, permitiu à burguesia arrogar-se a representação, não só de sua classe, mas de todos os grupos que compunham a sociedade do momento, era ela, a burguesia, a classe que levaria o progresso a toda a humanidade sofredora.

No entanto, surge também, como própria antítese da burguesia, o operariado assalariado, classe sem a qual, o sistema capitalista não poderia existir. Nesse momento, os antigos postos de trabalho, pertencentes ao modo de produção feudal, são substituídos por novas forças produtivas impulsionado pelas fábricas e pelo comércio lucrativo. Os mestres de ofício das corporações de ofício, em sua maioria se convertem em burgueses modernos, já os pequenos artesões, jornaleiros e outros trabalhadores da camada popular transformavam-se em proletários. Neste sentido, Engels (2005) afirma que, em termos gerais, se a

burguesia arrogava-se o direito de representar, em suas lutas contra o antigo regime, além de seus interesses, os das diferentes classes trabalhadoras que surgiam na época, também eclodiam, concomitantemente à sua ascensão como classe hegemônica, movimentos revolucionários emancipados, de organização do próprio operariado, que já se posicionava frente à realidade sufocante e insuportável à qual estava exposto, no trabalho, na moradia, enfim, nas condições de vida.

Esses movimentos revolucionários organizados pela classe operária ainda incipiente eram acompanhados, por sua vez, por correspondentes manifestações teóricas. Tais teorias surgiam como contraponto à realidade que se estabelecia através dos revezes da Revolução Francesa e pelos efeitos devastadores da nascente economia industrial, onde o egoísmo e a avidez dos que “apenas querem comprar barato para vender caro” tem sua aprovação na ignorância, passividade e degradação moral de suas vítimas.

A realidade social a que estes teóricos se referem é muito bem retratada na obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, também de Engels:

...as grandes cidades são habitadas principalmente por operários, pois no melhor dos casos a um burguês para dois e muitas vezes para três ou quatro operários. Estes operários nada têm, vivendo do salário que quase sempre não permite senão sobreviver, dia após dia. A sociedade individualizada em extremo, não se preocupa com eles e deixa-lhes o cuidado de promoverem às suas necessidades e às da sua família. No entanto, não lhes fornece os meios de fazerem de forma eficaz e duradoura. Todo e qualquer operário, mesmo os melhores, estão sujeitos a uma subordinação contínua, ou seja, a morrer de fome, e efectivamente, muitos deles sucumbem. As habitações dos trabalhadores são, em geral, amontoadas, mal construídas, mal conservadas, deficientemente arejadas, úmidas e insalubres. Os habitantes amontoam-se num espaço ínfimo e na maior parte dos casos dorme em uma única sala pelo menos uma família inteira. O conforto das habitações não é nenhum, exprimidos a mais

completa miséria. As roupas dos trabalhadores são de qualidade medíocre e há muitos que vestem farrapos. A alimentação é, de uma maneira geral, má, freqüentemente imprópria para o consumo e em muitos casos, pelo menos em certos períodos, insuficiente, o que leva a que muita gente morra de fome. (ENGELS, 1975 p. 108 – 109)

Essa era a realidade fora das fábricas. Dentro, o operariado, composto por homens, mulheres e crianças trabalhavam por longas jornadas de trabalho por baixíssimos salários, sem falar das péssimas condições de trabalho a que estavam sujeito.

Assim, como força contraditória a essa realidade sufocante, como enfatizado no início desse capítulo, nas explicações de Coelho (1980), manifesta-se a imaginação utópica, desta vez, não apenas para abolir os privilégios de classe, mas para suprimir a própria sociedade de classe. A essa corrente de pensadores utopistas, Karl Marx e Friedrich Engels em o “*Manifesto Comunista*” denominaram: Socialistas Utópicos.

Engels (2005) apresenta três principais representantes do Socialismo Utópico, são eles: o francês Claude-Henri de Rouvroy, o Conde de Saint-Simon<sup>7</sup>, o inglês Robert Owen<sup>8</sup>, e o também francês Charles Fourier<sup>9</sup>. Traço comum entre

---

<sup>7</sup>Claude-Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon, nasceu em 1760, filho de uma prestigiosa família francesa, ligada ao célebre memorialista Duque de Saint-Simon. Ao lado da educação tradicional de um jovem nobre, foram-lhe inculcados também os princípios liberais. Tornou-se capitão do exército e, em janeiro de 1779, parte para a América, onde é fortemente influenciado pelo caráter empreendedor dos comerciantes americanos. Retornando à França, em 1793, adere às ideias revolucionárias e torna-se também empresário. Acumulando certa riqueza, leva vida mais confortável e passa a estudar ciências e a escrever. Em 1806, por motivo de brigas com seus sócios, perde muitos investimentos e conhece a miséria. Tenta suicidar-se, sendo salvo por admiradores. Morre alguns anos depois em 1825.

<sup>8</sup> O inglês Robert Owen nasceu em 1771. Filho de um humilde negociante, torna-se caixeiro de uma grande casa de tecidos em Londres, emprego que lhe renderá grande conhecimento nos negócios. Aos 19 anos foi nomeado diretor de produção de uma grande empresa têxtil em Manchester. Nove anos depois, casa-se com a filha de David Dale e arrenda quatro de suas fiações de algodão no vilarejo escocês de New Lanark, tornando-se filantropo, colocando em prática suas ideias. Depois, o que marca sua vida é a sua conversão ao socialismo associacionista

os três é que não atuavam como representantes dos interesses do proletariado, que, como visto, surgia com o desenvolvimento das fábricas. Para Engels (2005), não parte de suas ambições emanciparem primeiramente uma determinada classe, mas sim, toda a humanidade, não uma classe social e depois outra.

Os socialistas utópicos, assim como os filósofos iluministas, também acreditavam no império da razão e aumento de justiça como forma de resolver os males da sociedade. No entanto, o império da razão e da justiça, idealizado pelas utopias iluministas, foram aos poucos se adequando à lógica da sociedade que passava a se organizar através das pretensões de enriquecimento privado e no modo de vida da classe burguesa em ascensão.

Já os socialistas utópicos viam na experiência da Revolução Francesa e nos ideais iluministas a possibilidade da organização social regida através do uso da razão e da justiça. Pretendiam assim, através de suas teorias organizar e direcionar a sociedade nos princípios da verdadeira razão e da verdadeira justiça em oposição à realidade que se estabelecia no momento.

Mas essas publicações socialistas e comunistas contêm, também, um elemento crítico. Atacam todos os princípios da sociedade existentes. Por isso, são repletas dos materiais mais valiosos para o esclarecimento da classe trabalhadora. As medidas práticas propostas, tais como a abolição entre cidade e país, da família, do lucro privado e do sistema de salário; a proclamação da harmonia social; a conversão das funções do estado em mera superintendência de produção; todas estas propostas apontavam somente para o fim dos antagonismos de classes, que estavam, naquela época, surgindo e que, nesta publicação, são reconhecidos somente em suas formas indistintas e indefinidas. Estas propostas, portanto, são de um caráter puramente utópico. (MARX & ENGELS, 1998, p.59)

---

e cooperativo, causa a que se dedicou profundamente e que consumiu toda sua fortuna. Morreu em 1859.

<sup>9</sup> O Capítulo 2 é dedicado à vida e obra do francês Charles Fourier.

Apesar de Marx e Engels evidenciarem na obra dos socialistas utópicos a existência de elementos críticos úteis para a elaboração das mudanças necessárias, eles procuravam distanciar-se das propostas daqueles chamados por eles de utópicos. Em suas teorias compreendiam o socialismo como processo histórico, que só chegaria a vias de fato através de um longo processo de lutas entre as classes antagônicas, burguesia e proletariado. Não negavam como já dito as críticas e sugestões dos utópicos como sendo legítimas para a luta dos trabalhadores, no entanto, não aceitavam a proposta de transformação social pela inversão do mundo pela utopia, a ocorrer através do exemplo a ser seguido e não pelo processo revolucionário desencadeado pela luta de classes.

Entretanto, conforme afirma Petitfils (1977) temos que tomar cuidado para não reduzimos as ideias dos utopistas do socialismo a simples precursor do socialismo científico de Marx e Engles, o que significaria uma grave mutilação de seu pensamento e de sua originalidade.

Em 1836, o empreendedor inglês Robert Owen publica sua obra *O Novo Mundo Moral*. Obra que descreve sua experiência como administrador de uma fábrica têxtil do vilarejo escocês de New Lanark. Piozzi (1999) dedica um artigo a essa experiência, de título: *Robert Owen em New Lanark: Um laboratório do futuro?* Na qual descreve as intenções de Owen em fazer de seu empreendimento um modelo de vida social para toda a Europa, transformando radicalmente a existência física e espiritual da população miserável.

Segundo Piozzi (1999), New Lanark pretendia ser um verdadeiro oásis social, onde segurança no emprego, aumento substancial das horas de lazer e do salário, eliminação do trabalho infantil e instrução gratuita e integral aos filhos dos

operários conviviam com a alta rentabilidade da empresa. Tais pretensões só seriam possíveis através de um profundo reordenamento da vida industrial, no âmbito do trabalho e fora dele, transformando a tendência natural dos homens à racionalidade e à virtude em formas efetivas de pensar, sentir e atuar, aliando, ao empenho no aprimoramento das condições de vida dos trabalhadores, o esforço em reeducar seus espíritos, afetados pela miséria e pela ignorância. Para tanto, seria necessária uma reorganização total, não só da paisagem natural e arquitetônica, mas dos tempos e formas de trabalho, lazer e aprendizagem. Nas próprias palavras de Owen, podemos compreender melhor suas intenções:

Eu tinha que mudar estas más condições para boas e, na devida ordem da natureza, de acordo com suas leis imutáveis, fazer suceder aos inferiores e maus caracteres criados por inferiores e más condições, os superiores e bons caracteres, a serem criados por superiores e boas condições, (OWEN, apud PIOZZI, 1999, p.9)

Para colocar esse ambicioso plano em prática, Owen, além de garantir emprego permanente aos trabalhadores, criava também alternativas coletivas de administração dos gastos de suas famílias, ao mesmo tempo em que implementava novos espaços coletivos de vida cotidiana, poupando assim, tempo e dinheiro.

Concomitantemente a essa nova organização coletiva, Owen acreditava também ser necessário o “esclarecimento das mentes”, como forma de transformar os maus hábitos dos trabalhadores, como o roubo, a embriaguez e a indolência. Para atingir esse objetivo, uma série de inovações foram implementadas na vida cotidiana dos trabalhadores, em New Lanark. Três vezes

por semana os trabalhadores freqüentavam conferências de caráter educativo, ocorridas no período da noite. Owen também avaliava as atitudes dos trabalhadores através do constante policiamento de suas vidas cotidianas. Essa avaliação ficaria a cargo de um corpo de jurados, presidido pelo próprio Owen, e caso o comportamento fosse julgado inadequado, como por exemplo, a embriaguez, o trabalhador era obrigado a pagar multa. Com a intenção de incitar o sentimento de emulação entre os trabalhadores, Owen pendurava no pescoço do trabalhador um cordão com uma placa de graduação simbólica, por coloração, que ia do preto ao branco, o medidor permitia a permanente exposição pública das facetas coloridas, “constituindo uma espécie de curva comportamental visível a todos e fixada na memória da fábrica pelo registro diário em um livro” (PIOZZI, 1999 p.9). O tempo mostrava um processo contínuo de branqueamento dessas placas, evidenciando a melhora na qualidade de vida dos trabalhadores.

As melhorias nas condições de vida das crianças é um aspecto positivo no empreendimento de Owen; o trabalho infantil foi reduzido drasticamente, sendo proibido até os 10 anos. Essa atitude de Owen constitui uma marca na luta por aquilo que hoje é denominado “direito universal à infância”. Ainda sobre as conquistas das crianças por intermédio de Owen, destaca-se a sua experiência inédita de acolher crianças pequenas: em sua escola, as crianças ingressavam aos 18 meses. Segundo Piozzi (1999), essa experiência não só inaugurou o movimento em prol das creches e pré-escolas, como se tornou referência para os que pensam a educação infantil como:

(...) um lugar de livre expressão do lúdico e do imaginativo, no qual os pedagogos buscam observar e respeitar as formas próprias de relação

das crianças com o mundo, reconhecendo nelas seres autônomos e diferentes dos adultos. (p.10)

Foi assim, por esse caminho puramente prático que surgiu o socialismo oweniano, já que, segundo Engels (2005), foi pretensão de Owen passar adiante, difundir e realizar sua utopia, pela via do exemplo. Owen propôs a criação de um sistema de colônias socialistas na Irlanda, chegando a apresentar um orçamento completo de despesas para sua implementação.

Outro expoente da corrente utópica do socialismo foi o conde de Saint-Simon. Assim como Owen, via na indústria a saída para as mazelas que assombravam a sociedade da época, como já visto afundada na miséria. Segundo Engels (2005), a proposta de Saint-Simon tem como principal característica a união entre ciência e a indústria por um laço religioso, criando assim, segundo Saint-Simon, um “novo cristianismo”, forçosamente místico e rigorosamente hierárquico, chamado a restaurar a unidade das ideias religiosas, destruídas desde a Reforma.

Entre suas obras, destacam-se: *A indústria de 1817* e *o Novo Cristianismo de 1817*, obras em que Saint-Simon sintetiza sua proposta de organização da vida fabril, que sofreria profundas transformações, implementando novas condutas sociais e morais para os trabalhadores, alterações fundamentais para o sucesso de seu projeto.

Para Saint-Simon, a sociedade seria administrada em prol do sistema fabril, organizada para a produção. O Estado não atuaria como governador, responsável por tomar as decisões e decidir os rumos da sociedade. Segundo Petitfils (1977), o Estado para Saint-simon se reduziria ao mínimo, sendo substituído por um

“conselho de indústria”, que atuaria como um verdadeiro administrador de empresa, na qual, sua função seria, sobretudo, garantir os direitos dos trabalhadores, direito ao trabalho, à assistência social e à educação.

O francês Charles Fourier é o outro representante do socialismo utópico, conhecido por formular suas teorias a partir de profundas críticas que às condições sociais existentes em sua época, nas palavras de Engels:

Fourier pega a burguesia pela palavra, pelos seus inflamados profetas de antes e pelos interesseiros adutores de depois da revolução. Põe a nu, impiedosamente, a miséria material e moral do mundo burguês” (ENGELS, 2005, p.47).

Elaborar um “novo mundo societário”, oposto à realidade por ele criticada é característica fundamental na obra de Fourier. Fato esse que me levou a dedicar o próximo capítulo ao estudo de sua vida e obra. Por acreditar que muitas de suas críticas e projeções ainda se fazem presente, pois ainda não superamos a sociedade burguesa, individualista e competitiva, procurei investigar, nas ideias de Fourier, sobretudo as relacionadas à infância, meu foco de pesquisa, alternativas que nos façam caminhar, andar, dando contorno ao sentido de utopia defendido por Galeano, descrito na epígrafe desse capítulo. A utopia que nunca atingimos, que, por mais que nos aproximemos, mais ela se afaste, mesmo assim, é ela que nos faz e nos fez caminhar.

## 2 - Charles Fourier: Vida e obra

Pessoas com vidas interessantes não têm fricote. Elas trocam de cidade. Investem em projetos sem garantia. Interessam-se por gente que é o oposto delas. Pedem demissão sem ter outro emprego em vista. Aceitam um convite para fazer o que nunca fizeram. Estão dispostas a mudar de cor preferida, de prato predileto. Começam do zero inúmeras vezes. Não se assustam com a passagem do tempo. Sobem no palco, tosam o cabelo, fazem loucuras por amor, compram passagens só de ida. Para os rotuladores de plantão: um bando de inconsequentes. (Martha Medeiros)



## 2.1 - Quem foi Charles Fourier?

François Marie Charles Fourier nasceu no dia 7 de abril de 1772, em Besançon, cidade que, na época, tinha cerca de 35 mil habitantes. Na região, a Igreja Católica era a maior proprietária de terras, o que lhe conferia grande poder político. A presença do catolicismo significava um entrave às influências do Iluminismo e, durante o século XVIII, Besançon se manteve fechada às influências do Iluminismo, repelindo as inquietações e inovações teóricas trazidas pela “Luzes da Razão”.

Filho de comerciantes de tecidos, na escola adorava estudar, principalmente matemática, no entanto, foi obrigado, por ordem do pai, a abandonar os estudos, aos 17 anos de idade, para acompanhar a profissão dos pais. Fourier jamais aceitou o trabalho no comércio, sua facilidade com a matemática não o deixava aceitar a atividade baseada na astúcia de “comprar por três francos o que vale seis e vender por seis o que vale três”. (GALLO, 2002)

Apesar de existirem poucos relatos sobre a infância de Fourier, sabe-se que quando criança ele era conhecido por defender outras crianças na luta com os valentões, sempre defendendo os mais fracos. (KONDER, 1998)

Apesar de sua repulsa pelo comércio, Fourier cedeu aos anseios do pai e durante longo período exerceu a profissão de caixeiro viajante, profissão que lhe

permitiu viajar por toda Europa, finalmente fixando-se em Lyon, cidade que habitou até o fim de sua vida.

Sua vida transcorreu num período conturbado, como foi o do fim do século XVIII e início do XIX. Em suas viagens Fourier presencia cenas chocantes da degradação e miséria social predominantes na Europa de seu tempo, aprofundadas pelos revezes das Revoluções Francesa e Industrial. Fourier não compreendia o fato de o progresso, defendido pelos ideais revolucionários, gerar tanta miséria e perversidade. Essas reflexões norteiam todo o seu pensamento. (GALLO, 2002)

Outra experiência marcante na vida de Fourier aconteceu em 1793, quando desencadeia em Lyon uma rebelião contra o governo republicano de Paris. Contra sua vontade foi recrutado pelas tropas monárquicas para compor o corpo de combatentes e suas mercadorias foram confiscadas. Meses depois os monarquistas são derrotados e Fourier passa então a ser prisioneiro das forças republicanas. Acusado de traidor é liberto tempos depois após convencê-los de sua inocência. “A brutalidade do acontecimento fará nascer no jovem doce e resignado um ódio tenaz contra a Revolução Francesa e a violência em geral”. (PETITFIL, 1977)

Influenciado pelas ideias iluministas e, sobretudo, pelo pensamento de Rousseau quanto à concepção da humanidade como sendo naturalmente boa, porém pervertida pelas instituições, Fourier não se conformava com as crueldades que vivenciou:

Estava convencido de que a Revolução Francesa tinha sido um equívoco. Partindo da concepção lúcida e aguda de que era preciso transformar a sociedade, porque os seres humanos estavam submetidos à pressão de instituições injustificáveis, os revolucionários haviam metido os pés pelas mãos e tinham acabado por mudar coisa alguma. (KONDER, 1998, p.6)

Comovido com o sofrimento que presenciou em suas viagens como caixeiro, Fourier pode evidenciar que o pretenso processo civilizatório, com suas ideias de progresso e de desenvolvimento tornara-se, sobretudo, criador da pobreza e da miséria para a grande maioria do povo. Descrente em relação à luta política como era praticada, dispõe-se então a buscar o caminho pelo qual a imprescindível transformação poderia se viabilizar.

Em 1803 faz suas primeiras publicações, alguns artigos no jornal *Bulletin de Lyon*, expondo, pela primeira vez, algumas de suas ideias e críticas. Para Fourier, a realidade que presenciara não correspondia ao destino da humanidade, tratava-se apenas de uma forma particular de organização da vida em sociedade<sup>10</sup>, uma forma de se viver, que impedia os seres humanos de se relacionarem de modo harmônico uns com os outros e todos com a natureza. O utopista insiste na tese de que Deus regia o mundo, porém, não pela coerção, mas sim pela “lei da atração universal”.

A sociedade respeita a mesma organização dos astros com o cosmo, numa relação de total equilíbrio, atraídos uns aos outros. Logo a sociedade, desequilibrada, precisava alcançar o equilíbrio, e esse se daria através de um sistema – a “Harmonia” no qual os indivíduos pudessem liberar todas as suas paixões, que “naturalmente” se equilibrariam umas às outras. (KONDER, 1998, p. 8)

---

<sup>10</sup> Fourier referia suas críticas à civilização em geral, no entanto, temos conhecimento de que a civilização por ele criticada era a sociedade capitalista organizando-se no modo de vida burguês, já que o individualismo e a competitividade são essenciais para estabelecimento desse sistema.

Suas ideias provocaram reações adversas, leitores do jornal o acusaram de louco, acusação à qual Fourier respondia lembrando orgulhosamente que Colombo e Galileu também haviam sido considerados malucos por suas ideias.

A experiência de escrever no jornal leva Fourier a publicar seu primeiro livro, *Théorie des quatre mouvements et destinées générales*, livro que lhe rendeu críticas devastadoras, diziam que o texto parecia ter sido redigido no hospício, chegando a pedir a internação de seu autor.

Passados alguns anos, já conformado com as críticas, Fourier passa a viver junto a suas irmãs em Paris e volta a escrever. Escreve sobre temas variados, refletindo a respeito das atrações entre as pessoas em “Harmonia”, discutindo temas complexos como: a doutrina abstrata da atração e das paixões; a síntese da atração e do equilíbrio; a análise das doze paixões fundamentais dos seres humanos; a teoria da analogia universal e da cosmologia aplicada. (KONDER, 1998)

Sua produção se desenvolvia em um ambiente político muito tenso e seus escritos passavam por contínua censura, no entanto, as estranhezas de suas ideias não preocupavam as autoridades, que não o consideravam perigoso permitindo a publicação de suas obras.

Pouco a pouco Fourier foi conquistando simpatizantes de suas ideias, alguns chegaram a lhe ajudar a divulgá-las, incentivando-o a escrever cada vez mais.

Preocupado com a definição de um caminho prático para a transição à nova sociedade<sup>11</sup> Fourier escreve sua mais importante obra, *Nouveau monde amoureux*. Obra que dedicada à apresentação de seu “Falanstério”<sup>12</sup>, lugar onde se realizaria a experiência da organização de um núcleo antecipador das novas condições de vida, uma “célula social exemplar, desencadeadora das mudanças”. (KONDER, 1998)

Empenhado em concretizar seus projetos Fourier escreve cartas para personalidades que pudessem financiar a implementação de seu Falanstério, chegando inclusive a escrever um planfleto, intitulado “*Anúncio do novo mundo industrial*”, onde procurava evidenciar as novidades de sua proposta, procurando atrair interessados em patrocinar sua organização social.

O panfleto novamente lhe rendeu fortes críticas. A revista católica *Universel* o chamou de materialista, já a revista *Revue Française* publicou uma resenha anônima que comparava suas ideias às de Saint-Simon e Robert Owen, dizendo que a única diferença em relação a eles era o “estilo grotesco” como escrevia. Essa comparação deixará Fourier muito irritado, para ele, Saint-Simon e Owen procuravam reformar a civilização, seu projeto não, Fourier propunha a criação de uma nova sociedade. (KONDER, 1998)

Em 1832 Fourier articula uma tentativa de organização do primeiro falanstério, obtendo financiamento e um terreno apropriado junto a um deputado, e

---

<sup>11</sup> Fourier opunha seu projeto social ao projeto civilizatório; em vários momentos nota-se seu esforço para diferenciar um do outro.

<sup>12</sup> Palavra compostas por Falange e Monastério. **Falange**: 1. Unidade de infantaria, na antiga Grécia; 2. Multidão. **Monastério**: Lugar de formação de padres católicos, **Falanstério**: trata-se do monastério da falange.

seu projeto passa a se constituir como realidade. No entanto, desde o início seu empreendimento passa a enfrentar sérias dificuldades, o arquiteto responsável pela construção não aceitava fazer das ruas, grandes galerias, como era desejo de Fourier, que o acusou de sabotador, por não seguir suas concepções. Os investidores foram se decepcionando e o projeto fracassou.

Com a idade avançada Fourier passa a depender de seus admiradores que formam um núcleo “fourierista”, organizando-se para difundir as ideias de Fourier por todo mundo. Em meados do século XIX muitas das ideias de Fourier chegaram às Américas, inclusive o Brasil foi palco de uma tentativa de colonização fourierista, em 1840, com a tentativa de implementação de um Falanstério em Santa Catarina, a que se deu o nome de Falanstério do Saí, hoje atual cidade de São Francisco de Sul (GALLO, 2002). Essa tentativa fracassou, mas representou mais uma, entre várias tentativas de implementação das ideias de Fourier fora do continente europeu.

Com a saúde já debilitada, sofrendo com fortes dores no estômago, e constantes náuseas, Fourier piora e sofre uma queda. Com suspeita de fratura no crânio, recusa-se a ser atendido em um hospital, sendo encontrado morto em sua casa no dia 10 de outubro de 1837.

## **2.2 - As paixões em Fourier: Principais ideias e críticas.**

Antes de apresentar algumas das principais ideias presentes no pensamento de Fourier, convém ressaltar a observação feita por Leandro Konder

(1998) sobre as dificuldades da compreensão de suas ideias, dado a originalidade de sua linguagem. O escritor Fourier, mesmo em aspectos aparentemente simples, acaba por revelar de fato algo muito mais complexo do que parece ser. A forma como Fourier se expressa está fortemente ligada àquilo que quer dizer; para entendermos efetivamente o que quer dizer, temos que observar a forma como está dizendo (KONDER, 1998).

Para impressionar seus leitores, Fourier abusa de neologismos, cria novas palavras trocando os sentidos, o gênero, fazendo da linguagem instrumento crítico, denunciando as desigualdades presentes no modo de vida predominante na civilização. Para Engels (2005), “Fourier pega a burguesia pela palavra”, pondo a nu, impiedosamente, toda miséria material e moral do mundo burguês.

No entanto, não é a filosofia da linguagem o ponto de partida das ideias de Fourier. Para entendermos o cerne de suas ideias, é fundamental compreendermos sua teoria da “Atração passional”. Teoria que parte do pressuposto da existência de uma relação de interdependência universal entre as coisas, como tudo está relacionado, o que acontece na sociedade, tem a ver com o que se passa com a natureza em geral e vice-versa. Para Fourier, as vicissitudes dos seres humanos afetam diretamente o equilíbrio do cosmo, e as correspondentes mudanças no mesmo, afetam nosso equilíbrio em sociedade no planeta Terra:

A força que move o universo e garante o equilíbrio e a magnífica sincronização nos movimentos de todos os seres é o que Fourier chama de atração passional. (KONDER, 1998, p. 21)

A “civilização”, com sua peculiar mistura de lógica egoísta e irracionalidade, criou condições institucionais que acarretam graves prejuízos à expressão da atração passional. As instituições não reconhecem o princípio da atração como um impulso natural anterior à reflexão, esse impulso, no entendimento de Fourier deve persistir, mesmo com a forte oposição da razão. (KONDER, 1998)

Para Fourier, o processo civilizatório teve, em seus primeiros momentos, certa eficiência. A introdução de novas técnicas e novos procedimentos organizativos na economia contribuiu para o aumento da produção de bens materiais. No entanto, desde o começo, esses avanços foram acompanhados de efeitos colaterais bastante negativos.

De fato, a civilização impunha aos trabalhadores péssimas condições de trabalho, jornadas penosas e cansativas, atividades mecânicas nada criativas (KONDER, 1998). Paralelo a essa realidade, o modo de vida predominante na sociedade moderna consagrava o casamento monogâmico estruturado em um núcleo familiar pequeno e hierarquizado, extremamente coercitivo em sua organização, impondo às mulheres e as crianças uma situação insuportável.

Na civilização, afirmava Fourier, a mulher é pressionada para escolher entre a prostituição mais ou menos evidente ou disfarçada e a “escravidão conjugal”. A Revolução Francesa teria dado uma prova eloqüente da sua inépcia ao recuar diante do desafio de abolir o casamento monogâmico, uma instituição que parecia ter sido inventada para premiar os perversos. “Quanto mais um homem é astucioso e sedutor, mais fácil é para ele alcançar por meio do casamento a fortuna e a respeitabilidade”. (p. 24)

Fourier chega a sustentar que a posição das mulheres é o melhor indicador do nível de progresso social em cada sociedade:

O progresso social e as mudanças de períodos históricos acontecem na proporção em que se realiza o avanço das mulheres em direção à liberdade; e o declínio social ocorre como resultado da diminuição da liberdade das mulheres. (FOURIER, apud KONDER, 1998, p. 26)

Na óptica de Fourier, os problemas da civilização provinham da ignorância que mulheres e, sobretudo, homens possuem perante as paixões humanas. Paixões que escapam a seus controles por imposição da moral, que impedem seu pleno desenvolvimento.

O sistema de Fourier é o oposto, pois privilegia as paixões, consideradas por ele o motor da humanidade. Para o filósofo, as paixões não podem ser estranguladas, bloqueadas, como são na civilização, assim, o efeito sobre o conjunto social é devastador, produzindo “contra-paixão”, tão devastadora quanto o poder criativo da mesma. Fourier chega a classificar as paixões humanas, entre elas, destacam-se: as paixões promovidas pelos órgãos dos sentidos, como a paixão de ouvir, a do paladar, outras estão ligadas aos afetos, como a paixão da amizade, do amor, da ambição. Mas a que mais se concentra são as paixões que envolvem um número grande de pessoas, as paixões coletivas. São três, a “compósita”, a “borboleta” e a “cabalista”. A “compósita” é a do entusiasmo, da entrega do sujeito a uma causa, A “borboleta” é a paixão de variar, a necessidade humana de variar, de ir de “flor em flor” sem se fixar por horas numa coisa só. E a terceira, a “cabalista”, é a paixão que leva os sujeitos a se assumirem como sujeitos particulares no interior de qualquer coletividade, não permitindo assim, que se anulem as diferenças entre seus integrantes. (KONDER, 1998)

No pensamento de Fourier, tudo é coletivo, e os seres humanos são detentores de uma tendência espontânea a se organizar em grupos, o que Fourier

chamará de “séries”. As “séries” reúnem os seres humanos a partir de convergências de interesses entre aqueles que as constituem, porém, as “series” só se mantêm através das divergências que a sustentam. (PETITFILS, 1977)

Os sujeitos compõem as diversas “séries” e as “séries” formam as “falanges”, que, como já dito, se organizam dentro do “Falanstério”. O Falanstério é o palácio onde habita a humanidade, conjunto arquitetônico que inspira e ao mesmo tempo reflete a vida dos seres humanos em harmonia.

Viver a Harmonia é objetivo maior do projeto fourierista. Harmonia constituída por uma relação de total respeito às vontades e às paixões. Viver à Harmonia proporcionará ao planeta e aos seres humanos mudanças notáveis. O planeta Terra recuperará sua saúde e animais daninhos e peçonhentos desapareceriam, as catástrofes também deixariam de existir predominando um ambiente de paz. Os indivíduos passariam a viver mais (cerca de 140 anos), dormirem menos e melhor, respeitando em todos os momentos as exigências da paixão da borboleta. Passada a 16ª geração vivida em Harmonia, mutações físicas passariam a ocorrer nos seres humanos que, continuando sua evolução natural aumentariam de tamanho, passando a ter mais de dois metros. Curiosidade maior é a previsão do surgimento de um membro-extra, uma espécie de “arquibraço”, que de fato será um rabo (como nos macacos), um prolongamento da coluna vertebral, com uma forte mão na extremidade, lhe permitindo agarrar com firmeza qualquer objeto. (PETITFILS, 1977)

Apesar de suas ideias serem polêmicas, a proposta de Fourier, baseada em uma comunidade onde cada um faria o que desejasse numa perfeita integração

entre indivíduo e sociedade, encantou algumas almas rebeldes e seduziu alguns espíritos inquietos. Os trabalhadores mais politizados consideram suas análises de grande importância, evidenciando nelas valiosas críticas para compor bandeiras de luta por uma sociedade mais justa e igualitária. Sem dúvida, seu legado compõe um importante momento na história das idéias e das lutas por transformações em busca de um mundo diferente, mais justo, livre e igualitário (KONDER, 1998), uma sociedade ainda não concretizada, mas possível de realizar-se, uma sociedade socialista.

### 3 - Infância e a educação das crianças para Charles Fourier

Criança: - Olha você viu? No pasto existe uma vaca triste e infeliz!

Adulto: - Nossa! Infeliz, mas por quê?

Criança: - Porque está sozinha!

Ao lado pastava um grande grupo de vacas contrastando com a vaca solitária.<sup>13</sup>

#### 3.1 - A educação da criança para Charles Fourier

As ideias de Fourier referentes à condição social das crianças e de sua educação inserem-se nos debates latentes que se travam pelo desenvolvimento histórico sobre os revezes sociais pós-revoluções em fins do século XVIII, quando a questão da guarda e da educação das crianças torna-se assunto importante no debate político, na legislação social e nas reformas educativas. A educação das crianças passa a ser uma das preocupações fundamentais da sociedade civil. Uma das chaves da civilização.

À luz deste debate, destaca-se a influência das utopias sociais dos filósofos iluministas, sobretudo de Jean-Jacques Rousseau, que, em sua clássica obra *Emílio ou Da Educação*, indica ser a educação uma alternativa para a construção de uma outra sociedade, mais justa e igualitária, alertando para a importância de se assumir a educação das crianças desde a pequena infância, antes que elas

---

<sup>13</sup> Conversa do autor do trabalho com Enzo Cardoso Massarolo, criança de 8 anos, que autorizou a transcrever nossa conversa sobre as vacas que pastavam na fazenda que existe ao lado de casa.

sejam corrompidas pela sociedade em seu relacionamento direto com esta. É o que evidencia o fragmento a seguir:

É a você que me dirijo, meiga e previdente mãe, que soube se afastar da beira da estrada e proteger o arbusto nascente do choque das opiniões humanas! Cultive, regue a jovem planta antes que ela morra, seus frutos um dia farão sua felicidade. Forme logo um recinto em volta da alma de seu filho: outro pode traçar seu contorno, mas somente você deve colocar-lhe a barreira. (ROUSSEAU, 2002, p.87)

De forma semelhante, Fourier também encarava com desconfiança o progresso defendido pelos princípios libertários da Revolução Francesa, que o reduzia no avanço do comércio e ampliação das manufaturas. Partilhando das convicções de Rousseau – de que a humanidade escolhera um caminho errado ao adotar a civilização, e que outra realidade societária fazia-se necessária, Fourier dedicou grande atenção ao papel da criança em seu projeto societário, e à educação, sobretudo das crianças, elemento fundamental para a vida em harmonia no interior do falanstério.

As ideias que apresentarei são retiradas de textos publicados por Fourier em diversos livros e artigos que dedicou para apresentar seu tratado de “*educação harmonia*”, como: *Théorie des quatre mouvements* (Teoria dos quatro movimentos, de 1808), *Traité de l’association domestique-agricole* (Tratado da associação doméstica-agrícola, de 1822) e *Le Nouvel Monde industriel* (O Novo Mundo Industrial, de 1829) além de artigos publicados no jornal *La Phalange*, de 1852. Esses textos foram reunidos pelo filósofo francês e especialista em Fourier, o também professor René Schérer, que organizou o livro, base deste estudo, com o título de *A Infância Emancipada*.

Fourier parte das evidências do mundo real como forma de introduzir suas ideias, se apoiando na crítica aos abusos e contradições às quais as crianças estão sujeitas na civilização, ou seja, toda sua teoria é formulada a partir da denuncia sobre a inutilidade da educação dada às crianças, apontando os vícios de uma sociedade que só consegue segurar as suas crianças através da coerção e que se escandaliza com os efeitos de uma liberdade que se vira contra ela, contra a própria civilização.

Ignoro que outros fins se propõe a educação civilizada. Li muito pouco dos tratados, mas a avaliar pelos resultados, o primeiro e mais geral nas crianças civilizadas é que elas só usam a sua liberdade para cometer toda espécie de danos, para se incentivarem umas às outras para a maldade e o crime, a tal ponto que um grupo delas deixado em plena liberdade, e sem medo de castigo, acabaria por dedicar-se à distracção de Nero, e incendiar uma cidade. (FOURIER, 2007, p.9)

Rousseau é um dos principais influenciadores da educação civilizada tanto criticada por Fourier. Em *Emílio*, Rousseau propõe, com efeito, a educação das crianças com fins de prepará-las para civilidade; uma socialização prévia, quer dizer, a infância como uma fase de formação que antecede o ser humano bem-educado (ROUSSEAU, 2002). A educação de características rousseauianas se estrutura no par criança-adulto<sup>14</sup>, pautada na preparação da criança dentro dos padrões elencados pelo mundo adulto; sendo assim, a criança sempre se terá de haver com o adulto, seja o pai, a mãe ou mesmo o mestre pago.

A criança, entregue aos cuidados do pai ou do mestre, está exposta a mil outros perigos, de onde decorre que nem o pai nem os mestres podem cumprir os designios da natureza em matéria de educação,

---

<sup>14</sup> Os pares reconhecidos, normativos, foram sucessivamente: o pai-educador (Locke), contra o qual se levanta já Rousseau, substituindo-o pelo par criança-preceptor. (SCHÉRER, 2007, p.14)

mesmo supondo que as crianças recebem todos os cuidados imagináveis, cuidados estes de que é privada a maior parte das crianças, por morte, indigência, despreocupação, inaptidão ou vícios dos pais. (FOURIER, 2007, p.40)

Como já dito, Fourier compartilha das convicções de Rousseau a respeito do caminho errado tomado pela humanidade ao adotar a civilização, concordando com a necessidade de outra realidade societária. No entanto, com Fourier, entramos na infância por uma outra porta, que é a da socialização imediata (SCHÉRER, 2007), não se pode pensar a criança que não seja eminentemente social, não existe uma preparação prévia para a participação ativa da criança em sociedade, muito menos um laboratório escolar para prepará-la, no qual ela deve satisfação aos adultos.

Para que as crianças em sua infância não sejam obrigadas a se adequar a uma organização social através da educação por terem problemas, Fourier preserva a liberdade para que as crianças possam, no seio da sociedade, desfrutar o pleno desenvolvimento de suas escolhas; através da liberdade para seguir o fluxo de suas paixões; gerando a transformação na forma de vida que se adaptará à realidade das necessidades sociais das crianças, não o contrário! Nesse sentido sua teoria educacional se afasta das propostas feitas por Rousseau.

Mas quais as necessidades sociais das crianças para Fourier?

Para responder a essa questão vale a pena retomar o conceito de “Séries”, fundamentado na tendência espontânea dos seres humanos a se organizarem em grupos, onde as atrações promovidas pelas suas paixões, suas vontades possam

fluir livremente. Nesse sentido, as necessidades das crianças assentam-se no respeito às suas paixões, não se sujeitando às relações indesejadas, mediadas pelo par específico e restrito do adulto-criança, predominante na educação civilizada.

Deixa de haver preceptores, mestres e pedagogos, a criança não é colocada numa situação hierárquica vertical de enquadramento, por um ou mais adultos. Não existe, pelo menos neste plano, a formação de um par privilegiado. Por outro lado, pai e mãe estão excluídos – mais precisamente desobrigados, dado que a atração não admite nada de forçado, de privativo – da guarda e da educação da infância. (SCHÉRER, 2007, p.15)

A educação em harmonia “deverá provocar as fantasias das crianças”, sua curiosidade, a fim de que esta se interesse em participar de muitas “séries”, pois na “educação por ordem combinada as paixões são provocadas, estimulando as crianças a empenhar-se nos trabalhos do grupo, que explora o objeto das suas paixões” (FOURIER, 2007). E somente devido à quantidade de crianças, ao coletivo infantil, as “séries de crianças” permitem que ocorram acordos e desacordos, transições e transcendências, enfim, variações infinitesimais de relações e vivências:

Enquanto a criança não for capaz de caminhar sozinha a falange onde nasceu cuida dela por sua conta, no caso de não ter pais ou ser desprovida de fortunas. Logo que aprende a andar, é abandonada à natureza e à atração. Não se lhe dá conselhos no sentido do vício e da virtude, do trabalho ou dos estudos; deixamo-la ir aonde quiser, cabendo-lhe a ela fazer-se admitir aí. (FOURIER, 2007, p.41)

Para Fourier, não existem crianças solitárias nem preguiçosas, nem mesmo na civilização<sup>15</sup>. Quando tomadas pela fantasia, pelos impulsos da atração, tornam-se trabalhadoras infatigáveis. E observá-las em suas tarefas, a que Fourier denomina “farsa” mostra que trabalham como doidas (FOURIER, 2007), e aquela que se comporta com mais ardor é precisamente a criança pequena, toda orgulhosa por ter sido admitida a participar nas farsas com as mais crescidas. Como explica Schérer:

(...) a criança de Fourier não é uma criança “com problemas”, uma “caracterial”, que deva ser posta sob a alçada do psicólogo para a fazer aderir, por efeito de uma intervenção psíquica, a uma ordem com a qual está em conflito, mas que é tratada como um ser humano a parte inteira, um ser cujos impulsos, as paixões e as rebeliões têm, pelo contrário, razão contra a ordem subversiva da Civilização. (SCHÉRER, 2007, p.15).

Os coletivos formados por crianças são denominados por Fourier de “coros” e são classificados por critério de idade, classificação adotada como forma de explicar a evolução dos coletivos de crianças, a divisão por idade é por fatores sociais e não se trata de uma classificação biológica do desenvolvimento das crianças. Fourier observou que as crianças de idades próximas se organizavam coletivamente devido à convergência das paixões, unindo-se por interesses sociais comuns.

O primeiro Coro é o dos Bambinos, composto por crianças com cerca de 2 a 4 anos; os seguintes são os Neófitos, de 4 a 6 anos; os Adeptos, 5 a 8 anos; os

---

<sup>15</sup> A ordem imposta pela civilização é subversiva ao princípio da atração passional. O que vemos é o coletivo de crianças, quando em liberdade, trabalhando como nunca, no entanto, apenas para causar o mal e a destruição. “No fim só continua encontrar os coros subversivos de crianças desçaçaimadas” (FOURIER, 2007) \* desçaçaimadas: o mesmo que desamordaçadas.

Liceanos, de 8 a 11 anos; os cavalheiro ou escudeiros, de 11 a 14 anos e por último, o coro dos atletas ou Ginasianos, com cerca de 14 a 17 anos. Cada coro exerce uma forte influência sobre outro, os Ginasianos são vistos como exemplo para escudeiros que por sua vez são importantes para os Liceanos e assim por diante. O sentimento de emulação<sup>16</sup> é o princípio fundamental da utopia educacional de Fourier (2007):

Os Liceanos têm igualmente as suas prerrogativas que lhes conferem um grande lustre aos olhos do coro dos Adeptos. Estes são os mais jovens admitidos nas manobras da grande parada, o que os torna dignos da maior consideração para o coro dos Neófitos, e os pequenos Neófitos, com idade entre 4 e 6 anos, são olhados como personagens muito importantes pelo coro dos bambinos, dado que um Neófito é completamente livre, e um bambino em muitos casos, está sujeito a autoridade das mulheres, dos patriarcas e dos criados: um Neófito só está sujeito às regras de disciplina, que não tem nada de arbitrário e que regem os coros da infância. As relações entre os coros amorosos são determinadas por usos, e não por regras. (p.44)

Segundo Konder (1998), a educação das crianças, como proposta por Fourier, “seria feita pelas próprias crianças: as crianças um pouco mais velhas ensinariam o que soubessem às outras, um pouco mais jovens, ávidas por imitá-las” (p. 40), e que a educação societária levaria em conta as necessidades das crianças e sempre lhe proporcionariam meios de enriquecimento individual, garantindo condições para se integrarem mais plenamente na coletividade.

Os coros também são divididos por gênero, que formam quadrilhas, de meninos e meninas. As questões relativas ao gênero também passam pelas críticas de Fourier, que denuncia o caráter opressivo a que estão expostas as

---

<sup>16</sup> Emulação sf. 1. Sentimento que incita a igualar ou superar outrem. 2. incentivo. ( BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio. Dicionário da Língua Portuguesa. RJ: Nova Fronteira, 1977.)

mulheres na civilização, garantindo que o mesmo não ocorreria em harmonia, onde tanto os homens quanto as mulheres participariam dos mais variados grupos e realizariam tipos variados de trabalho, fugindo dos rótulos impostos a força no sistema civilizado (FOURIER, 2007):

Não passa pela cabeça dos civilizados, que atrelam à mesma charrua uma mulher e um burro, que o criador tenha destinado a mulher a entrar em concorrência com o homem em todas as funções sociais e a fazer contrapeso à influência do homem, sempre grosseira e opressiva, pois só se baseia na força. ( p.144)

A educação proposta por Fourier inicia-se na “baixa infância”, que se dá com as crianças de 0 a 2 anos. Ela é caracterizada por Fourier como a “educação material”, pois nessa fase da vida social das crianças se faz necessário um aparto físico adequado para acolher as séries de crianças que compõe a baixa infância. Esse espaço Fourier denomina “seristério”, ou seja, um falanstério das séries de crianças pequenininhas.

Desde o primeiro mês de vida as crianças serão acolhidas no seristério, sendo acompanhadas por um adulto, que poderá ser mãe ou mesmo pai de algumas das crianças. No entanto, Fourier faz questão de frisar que tal atividade, a mesma relativa ao docente da educação infantil dos dias de hoje, não se daria da mesma forma que na civilização, que atribui virtudes maternais e familiares ao ato de cuidar e educar a criança pequena. No seristério, a educação é integralmente coletiva e por esse motivo pode libertar os pais e demais adultos para outras atividades no interior da falange, não sendo necessário grande

contingente de adultos para a função. Além disso, os adultos que se dedicam as atividades do seristério os fazem por amor, paixão, pelo gosto de estar entre as crianças.

Se todas as mães que têm pouco gosto, ou mesmo nenhum, pelo cuidado dos miúdos ficassem nos seristérios da baixa infância, atravancariam as salas e cansariam aquelas que têm a paixão de as dirigir. Esquecendo estes gaiatos, tornar-se-ão úteis em outras funções para que encontre seu gosto. (FOURIER, 2007, p.64)

Acusa-se de vício as mães quando elas menosprezam o cuidado dos miúdos; isto é condenar o princípio da divisão do trabalho e distribuição em séries de funções, que é a base de toda economia e de toda sabedoria. (idem.)

Com os seristérios serão introduzidos hábitos sanitários eficazes para combater doenças, proporcionando assim, uma grande queda na mortalidade infantil, que será inferior a metade na mesma falange relativamente à povoação na civilização.

O seristério geral da baixa infância, constituindo três seristérios especiais, deve começar por conter nove grandes salas. Insisto neste pormenor porque é o aspecto no qual se arriscam a fracassar todos os estabelecimentos de Inglaterra e outros. (FOURIER, 2007, p.62)

Não somente os hábitos de higiene serão diferentes dos habituais na civilização, não apenas aspectos materiais e de cuidados serão adotados, mas também o contentamento das crianças, fundamental no desenvolvimento das faculdades corporais e intelectuais, que são consideradas também como formas protetoras contra muitas doenças. Não bastam apenas boa alimentação e o cuidado material, mas as crianças têm necessidades espirituais que, segundo Fourier, só se desenvolverão na “*educação harmonia*”. (FOURIER, 2007)

Fourier propõe uma educação que não separa corpo e mente, integrando a prática cotidiana de vivência e cuidados ao refinamento dos sentidos das crianças, habituando-as ao seu uso, objetivo fundamental para que as crianças possam participar da educação da “alta infância”. A teoria da educação harmoniana proposta pelo socialista utópico sabe aproveitar dos meios educacionais negligenciado pela civilização.

Sobre cada um dos cinco sentidos há uma profusão de requintes aos quais é preciso habituar a criança. A educação civilizada não tem nenhuma ideia destas medidas preparatórias; daí decorre que a criança societária será, aos 3 anos, mais inteligente e mais apta para todas as coisas do que aos 9 anos a criança civilizada. (FOURIER, 2007, p.62)

A educação da baixa infância é de fundamental importância para educação harmoniana, equilibrando fatores materiais e espirituais para que as crianças tenham condições de educarem-se na “alta infância” dando continuidade à sua utopia educacional. Mais uma vez, Fourier faz da crítica à civilização argumento para justificar sua teoria, pois para ele, se fosse traçado um paralelo com a educação civilizada, uma criança harmoniana de 4 anos e meio já se encontraria apta e preparada para se instruir espontaneamente em todos os gêneros de trabalhos, estudos e iniciativas práticas adquiridas na educação da alta infância, enquanto que, na civilização, a “educação industrial” sequer haveria iniciada, e as crianças, presas às séries falsas da família, ou do grupo escolar.

A educação fourierista parte da prática, promovida pela força da atração das paixões, somente então as crianças passam a estruturar melhor seus conhecimentos com o auxílio prazeroso da teoria. Na educação civilizada, ocorre o contrário, o oposto, os conteúdos são impostos pela obrigatoriedade, totalmente

destituída das produções práticas realizadas pelas crianças na ação coletiva, logo, o que fica é o desgosto pelo que deveria ser um prazer.

Perfeição integral do espírito, através da união entre a prática e a teoria e do encadeamento de todos os conhecimentos. A criança civilizada não encontra na educação que recebe nenhuma destas vantagens. Faz-se dela um teórico sem prática e fica limitada a um gênero de estudo, muitas vezes aquele para o qual ela tem menos inclinação e menos aptidões. A sua juventude é um longo tormento. A criança societária é uma cadeia de flores. O facto de se instruir um pouco sobre tudo (embora adaptando em alguns ramos e forma especial) resulta de ser conduzido para os diversos grupos industriais pela mania comum às crianças de explorarem tudo e pelas intrigas de que vê seus camaradas ocuparem-se em grupos que ela ainda não frequentou. (FOURIER, 2007, p.151)

Na educação fourierista, o prazer nas atividades é fundamental, e Fourier não deixa de refletir sobre a importância da expressão artística no interior do falanstério, atribuindo a ela posição relevante para a educação das crianças. A arte não será privilégio de alguns talentosos, mas sim uma atividade constante e de acesso a todos.

Tal como o trabalho, a atividade educativa deverá ser prazerosa. Uma função relevante será cumprida pelas artes, a ópera, a música, a dança, o teatro, a mímica, a poesia, a pintura, a composição dos cenários. Todos terão acesso à fruição da arte e à expressão artística: “Não haverá mais artistas de teatro, porque todos o serão”. E ninguém será pago para sê-lo. (KONDER, 1998, p.39)

### **3.2 – A Infância Emancipada**

Que fique bem entendido, a inserção da criança na coletividade não significa que sua singularidade se perca na massa uniformizada, pelo contrário,

não existe criança que não participe ativamente de um grupo de eleição na qual ela se sinta livre, se sinta ela própria, adequado para dar livre curso às suas inclinações e a ceder sem coerção, a tudo que a atrai. (SCHÉRER, 2007) Os coletivos infantis, ou coros, se reúnem a partir de convergências de interesses entre aqueles que os constituem, porém, só se mantêm através das divergências que o sustentam.

As crianças são, para Charles Fourier, livres, podem bastar-se a si próprias, ganhar sua vida; elas são, num certo sentido, “maiores”; se não totalmente independentes, são de fato ao menos emancipadas. (idem, 2007)

Emancipadas, as crianças participam plenamente da vida no falanstério, preenchendo a existência com suas fantasias nas atividades domésticas, agrícolas e industriais a que se dedica à falange. E é precisamente no trabalho<sup>17</sup> que desempenham fundamental importância. As crianças, na vida em harmonia, tendem mais a negar o trabalho do que provocá-lo; com efeito, a ordem das coisas conduz as crianças até o trabalho desde a mais tenra juventude, e tomadas pelas fantasias promovidas pela vida coletiva e atraente, se dedicam fortemente ao trabalho:

São trabalhos por divertimento, por atracção, adequados às suas forças tomando espontaneamente a seu cargo pequenas ocupações que no nosso país empregam braços de trinta anos. A inserção da criança no trabalho que, sendo mínimo, não de sua segunda ordem, é suficiente para demonstrar a ridícula e contraditória organização civilizada do trabalho. (FOURIER, 2007, p.24)

---

<sup>17</sup> Para o socialista utópico, o trabalho não teria minimamente as características coercivas e repugnantes do trabalho realizado na civilização. Pelo contrário, ele será sempre adequado ao interesse de quem o executa; em hipótese alguma ele é forçado a realizá-lo senão apenas para atender suas próprias vontades. (FOURIER, 2007)

É importante deixar claro que, na perspectiva fourierista, o essencial da infância não está nas atividades socialmente úteis em que se envolvem, e muito menos nas relações que travam com o mundo adulto. O deslumbrante está no prazer com que as crianças se dedicam às atividades de que participam. (SCHÉRER, 2007) E o prazer é tanto que é contagiante e é também um fator de emulação para toda falange; são as crianças que involuntariamente conduzem o ritmo no interior do falanstério. E o prazer de desfrutar da liberdade se configura na metáfora da borboleta a que se refere Fourier, pois, para o socialista utópico, as crianças emancipadas se comportam como borboletas fora do casulo, borboleteando no fluxo de suas paixões insaciáveis.

## Considerações Finais

Se não nos deixais sonhar,  
não os deixaremos dormir<sup>18</sup>

Inicio estas considerações finais com a pretensão de ter apresentado as ideias do socialista utópico Charles Fourier sobre Infância e Educação das Crianças. Foi um desafio, pois indica possibilidades para melhor compreensão das ideias e das investigações que foram realizadas sobre o conceito e sentido da utopia, suas manifestações no decorrer da história e, sobretudo, a utopia socialista.

No entanto, o estudo se revelou muito mais esclarecedor do que a pretensão inicial. Estudar o sentido do pensamento utópico possibilitou inúmeras reflexões, não somente sobre sua importância histórica, o papel que desempenhou nas lutas e transformações sociais, mas também sobre sua relevância para o mundo atual, sobre o sentido da utopia para os dias de hoje.

Primeiramente acredito ser importante salientar que, na maioria de vezes, quando nos referirmos à utopia, atribuímos a ela uma conotação resumida e esvaziada de seu real significado. Ou seja, a utopia como sinônimo de algo irreal, que jamais será alcançado, como um sonho inconsciente, sem quaisquer possibilidades de se tornar realidade.

---

<sup>18</sup> Mensagens das concentrações nas praças de Catalunha, na Espanha, relatadas por Eduardo Galeano em *El Derecho al Delirio*

Compreender utopia como um sonho não está de todo errado, pois ela pode sim ser compreendida como um sonho. Mas, para que o sonho se configure como utopia, ele deve ser consciente, “um sonho de olhos bem abertos”, distante do real sim, mas que constantemente flerta com a possibilidade de uma outra realidade. Caso contrário o sonho seria somente um sonho e não uma utopia.

E com os olhos bem abertos o utopista imagina outro mundo, delirando na procura de alternativas para a realidade que deseja transformar, inicialmente presa ao mundo das ideias, mas que salta para a realidade pela força transgressora que imprime, dando ao seu sentido uma conotação mais relevante do que habitualmente a compreendemos, sobretudo quando pensamos em transformações sociais.

O estudo histórico das principais expressões do pensamento utópico deixou claro que as ideias não se prendem a elas mesmas, elas ganham força na ação, na luta pela sua concretização. Ideia e prática, pensamento e ação se completam, não estão dissociados.

Neste sentido, ao analisar historicamente a utopia socialista no diálogo com o socialismo científico proposto por Engels, passei a questionar se existiria razão para antagonizarmos seu entendimento, compreendendo um como verdadeiro e revolucionário, e o outro como reacionário e, por esse motivo, irrelevante. O pensamento religioso que impõe apenas uma verdade da divindade, de um ser supremo.

Utopia e práxis se completam dialeticamente, muitas das ideias e críticas presentes nas utopias de fins do século XVIII são hoje realidades concretas, efetivadas através das lutas sociais travadas no decorrer da história. O direito à

educação pública, gratuita e laica, de dever do Estado, é um bom exemplo da dialética entre utopia e luta política. Conforme salientou Piozzi (2007), as reivindicações pela educação pública, gratuita e laica, voltada para “todos os filhos da nação”, dever do Estado, tem sua origem nas utopias de Diderot, Condorcet e outros pensadores da educação, e é hoje, ao menos na constituição brasileira, um direito assegurado, frutos das lutas daqueles que compactuam de suas ideias, acredito que essa luta é fundamental nos dias de hoje.

Se algumas utopias se concretizam, outras permanecem como críticas a serem colocadas como excedente utópico a ser alcançado, conduzindo assim as lutas do presente. Como no *Direito ao Delírio* de Galeano, é a busca pela utopia que nos faz caminhar; mesmo que jamais a alcancemos, é ela que nos conduz à luta.

O Fórum Social Mundial<sup>19</sup>, organizado pelos movimentos sociais a partir do início do século XXI, é um ótimo exemplo da relação dialética entre história, utopia e luta política. Já em seu slogan *Um outro mundo é possível* podemos notar seu pressuposto utópico, compreendido na possibilidade de transformação da realidade social a partir das críticas sobre as formas de opressão promovidas pela lógica desigual do atual sistema capitalista.

O fim da desigualdade social, a manutenção e ampliação dos direitos sociais conquistados, as questões ambientais, a luta por igualdade de direitos, independentemente do gênero e da idade, a luta por liberdade de expressão, são

---

<sup>19</sup> O FSM é um espaço de debate democrático de idéias, aprofundamento da reflexão, formulação de propostas, troca de experiências e articulação de movimentos sociais, redes, ONGs e outras organizações da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo.

algumas das reivindicações que formulam as utopias da atualidade. Utopias atuais afinadas com as ideias e críticas realizadas por Fourier, Owen e Saint Simon no início da modernidade e do modo de vida capitalista.

No que se refere às utopias de Fourier sobre infância e educação das crianças, nota-se também um forte alinhamento entre suas propostas e críticas com as reivindicações e lutas de hoje em defesa da infância e melhores condições sociais para as crianças.

A hierarquia de poder na relação adulto-criança é criticada por Fourier, que denuncia a dominação do mundo adulto sobre o universo das crianças. Assim como fez Rosemberg (1976) em seu artigo *Educação: para quem?*, em que a pesquisadora, engajada na luta pelo direito à infância, denuncia a imposição do universo adulto sobre a vida das crianças:

O exercício do poder adulto sobre as crianças é mediatizado pela educação formal e informal, que, além de manter a relação de dependência da criança, tende a prolongá-la cada vez mais. (ROSEMBERG, p.1466, 1900)

De outro lado, é a educação formal e informal que permite substituir a adequação da sociedade à criança pela adaptação da criança à sociedade. (idem)

Não estaria Rosemberg levantando a mesma crítica feita por Fourier a Rousseau? A educação com a função de adaptar as crianças à sociedade, e não a sociedade que deve se transformar para se adequar às necessidades das crianças.

A luta por creche como espaço de direito das crianças de terem uma educação coletiva também recebe grande influência das ideias dos utópicos do

socialismo, que reservaram em suas ideias um lugar destinado a educação das crianças no coletivo desde o nascimento, luta que é defendida ainda nos dias hoje.

Outras questões relevantes sobre o debate acerca da infância e educação das crianças em Fourier são pertinentes, como a direito das crianças à arte, à sensibilização, a maneira como se compreende o coletivo de crianças, os processos de emulação ocorridos através das diferentes idades, a importância do prazer como fonte primeira que leva adultos ao trabalho diário com elas, enfim, são indícios de que a utopia fourierista resiste, possibilitando a luta por outras formas de educação e de condição social das crianças, em distanciamento a condição da infância como um eterno vir-a-ser.

Para outra condição, que se distancia do mundo capitalista, e entra na utopia, o sonho da criança emancipada que contagia o meio educacional, e as crianças passam a serem vistas e ouvidas por todos, e a ter direito ao seu prazer garantido. Uma Pedagogia da escuta! Um sonho que não se sonha só ou sem luta, que foi pensado e desejado por Fourier e que continua atual, pois, enquanto pesquisador e participante do grupo de pesquisa orientado pela professora Ana Lúcia Goulart de Faria, compartilhamos dessa inversão social em que a criança é desejante, inventiva e emancipada.

## Referências Bibliográficas

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

COELHO, Teixeira. **O que é Utopia**. 5ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ENGELS, Friedrich. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**. Lisboa-Portugal: Presença, 1975.

\_\_\_\_\_. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico**. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2005.

FOURIER, Charles. **A Infância Emancipada**. Lisboa-Portugal: Antígona, 2007.

GALEANO, Eduardo, vídeo *El Derecho al Delirio* -  
<http://www.youtube.com/watch?v=m-pgHIB8QdQ>

GALLO, Ivonne Cecília D'Avila. Utopia em Charles Fourier. IN: BLAJ, Ilana e MONTEIRO, John M. (Orgs). **Histórias & Utopias**. São Paulo: ANPUH – Associação Nacional de História, 1996, p. 37-44.

\_\_\_\_\_. **A aurora do socialismo: fourierismo e o falanstério do Saí (1839-1850)**. 2002. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.

HOBBSAWN, Eric. **A Era das Revoluções: 1789–1848**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

KONDER, Leandro. **Fourier, o socialismo do prazer**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

MANACORDA, M. Alighiero. **História da Educação**: da antiguidade aos nossos dias. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MARX, Karl. & ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. 6ª ed. São Paulo: Nova Stella, 1985.

MORE, Thomas. **A Utopia**. São Paulo Martin Claret, 2005.

NOSELLA, P. A linha vermelha do planeta infância: o socialismo e a educação da criança. In: FREITAS, Marcos César de; KUHLMANN JR., Moisés. (Orgs.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002, v. 1, p. 129 -166.

PETITFILS, Jean-Christian. **Os Socialismos Utópicos**. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

PIOZZI, Patrizia. Robert Owen em New Lanark: Um laboratório do futuro? Campinas-SP: **Pro-Posições**, vol. 10, n. 1 (28) março, p. 07-15, 1999.

\_\_\_\_\_. Utopias Revolucionárias e Educação Pública: Rumos para uma nova “cidade ética”. Campinas-SP: **Educação e Sociedade**, vol. 28, n. 100 – Especial outubro, p. 715–735, 2007.

\_\_\_\_\_. “Natureza e artifício: uma breve nota sobre a proposta pedagógica de Jean-Jacques Rousseau” In: MACHADO, Maria Lucia de A. (org). **Encontros e Desencontros em Educação Infantil**. 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 249 – 256.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação: para quem? In: **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.28, n.12, 1976.

SCHÉRER, René. **Infântis**: Charles Fourier e a infância para além das crianças. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

## ANEXO

### 1- Direito ao Delírio – Eduardo Galeano

“Que acham se delirarmos um pouquinho? Que acham se fixarmos nossos olhos mais além da infâmia? Para imaginarmos outro mundo possível. O ar estará limpo de todo veneno que não venha dos medos humanos e das humanas paixões. Nas ruas, os carros serão esmagados pelos cães. As pessoas não serão dirigidas pelos carros. Nem serão programadas pelo computador. Nem serão compradas pelos supermercados. Nem serão também assistidas pela TV. A TV deixará de ser o membro mais importante da família, e será tratada como o ferro de passar ou a máquina de lavar roupa. Será incorporado aos códigos penais o crime de estupidez para aqueles que o cometem. Por viver para ter ou para ganhar, ao invés de viver para viver simplesmente. Assim como canta o pássaro sem saber que canta, e como brinca a criança sem saber que brinca. Em nenhum país irão prender os rapazes que se recusam a cumprir o serviço militar, senão aqueles que queiram servi-lo. Ninguém viverá para trabalhar, mas todos nós trabalharemos para viver. Os economistas não chamarão mais o nível de vida ao nível de consumo, nem chamarão de qualidade de vida a quantidade de coisas. Os cozinheiros não acreditarão que as lagostas adoram serem fervidas vivas. Os historiadores não acreditarão que os países adoram serem invadidos. Os políticos não acreditarão que os pobres adoram comer promessas. A solenidade deixará de acreditar que é uma virtude, e ninguém, ninguém levará a sério alguém que não seja capaz de tirar sarro de si mesmo. A morte e o dinheiro perderão seus mágicos poderes, e nem por falecimento, nem por fortuna, se tornará o canalha

em um virtuoso cavaleiro. A comida não será uma mercadoria, nem a comunicação um negócio, porque a comida e a comunicação são direitos humanos. Ninguém morrerá de fome, porque ninguém morrerá de indigestão. As crianças de rua não serão tratadas como se fossem lixo, porque não existirão crianças de rua. As crianças ricas não serão tratadas como se fossem dinheiro, porque não haverá crianças ricas. A educação não será privilégio daqueles que podem pagá-la, e a polícia não será a maldição de quem não possa comprá-la. A justiça e a liberdade, irmãs siamesas condenadas a viver separadas, serão novamente juntas de volta, bem grudadinhas, costas com costas. Na Argentina, as loucas da “Plaza de Mayo” serão um exemplo de saúde mental, porque elas se negaram a esquecer nos tempos de amnésia obrigatória. A Santa Madre Igreja corrigirá algumas erratas das escritas de Moisés, e o sexto mandamento mandará festejar o corpo. A Igreja também realizará outro mandamento que Deus havia esquecido: “Amarás a natureza da qual fazes parte”. Serão reflorestados os desertos do mundo e os desertos da alma. Os desesperados serão esperados, e os perdidos serão encontrados, porque eles são os que se desesperam de muito, muito esperar, e eles se perderam de muito, muito procurar. Seremos compatriotas e contemporâneos de todos os que tenham vontade de beleza e vontade de justiça, tenham nascido quando tenham nascido e tenham vivido onde tenham vivido, sem que importem nem um pouquinho as fronteiras do mapa nem do tempo. Seremos imperfeitos, porque a perfeição continuará sendo o chato privilégio dos Deuses, mas neste mundo, neste mundo trapalhão, seremos capazes de viver cada dia como se fosse o primeiro e cada noite como se fosse a última.”



UNICAMP

Autor: Fernando Peixoto Stevaux ([ferpeda06@yahoo.com.br](mailto:ferpeda06@yahoo.com.br))

Orientadora: Profª Dra. Ana Lúcia Goulart de Faria ([cripeq@unicamp.br](mailto:cripeq@unicamp.br))

Segunda Leitora: Profª Dra. Patrícia Piozzi ([piozzi@unicamp.br](mailto:piozzi@unicamp.br))

GEPEDISC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Diferenciação Sócio-Cultural

Palavras-Chave: Utopias, Socialismo Utópico, Charles Fourier, Educação e Infância



## “ O Socialismo Utópico de Charles Fourier e sua utopia de infância e educação das crianças”.



A pintura "Jogos Infantis", do flamengo Pieter Brueghel, de 1560, que mostra 84 atividades lúdicas

Este trabalho de conclusão de curso é um estudo sobre o pensamento do filósofo francês Charles Fourier (1772-1837), investigando suas idéias referentes à infância e à educação das crianças. Charles Fourier, juntamente com Saint Simon e Robert Owen, compõe a corrente denominada por Friederich Engels de Socialismo Utópico. Diante do caráter utópico dado por Engels para as idéias desses socialistas, fez-se necessário, como parte integrante deste trabalho, o estudo sobre o significado e sentido do conceito de utopia e de utopia socialista. A partir deste estudo chegou-se ao conceito de utopia defendido pelo jornalista e escritor Eduardo Galeano:

“Ela esta no horizonte, me aproximo dois passos. Ela afasta dois passos, caminho dez passos. E o horizonte corre dez passos; por mais que caminhe, jamais a alcançarei; Para que serve a Utopia? Serve para isso; Para caminhar”

É importante ressaltar que a infância proposta por Fourier se dá a partir da crítica a um contexto histórico específico no qual a discussão do conceito de infância começa a ganhar destaque, já que, até então, as condições sociais das crianças não se diferenciavam das condições de qualquer outro cidadão.

Segundo Hobsbawm (1996), o continente europeu, em fins do século XVIII e início do século XIX, enfrentou perturbações econômicas e sociais de excepcional importância. A grande revolução tecnológica que se realiza na época tem o efeito de provocar o brusco desaparecimento dos antigos modos de vida.

A produção nos campos, até então fundamentalmente agrícola, transformou-se em campos para a criação de ovelhas e para a caça, levando a maciças migrações dos habitantes do campo para os nascentes centros industriais e urbanos.

Nesses centros urbanos, homens, mulheres e crianças não viam outra forma de sobrevivência a não ser venderem suas forças de trabalho nas recém criadas fábricas, trabalhando por longas jornadas de trabalho, sob péssimas condições e baixíssimos salários. Este o processo é descrito por Marx como “acumulação primitiva” do capital, onde a recém inventada maquinaria era utilizada no interior das fábricas recrutando milhares braços. “Nesses lugares procuravam-se principalmente dedos pequenos e ágeis. Era interesse desses feitores de escravos fazerem as crianças trabalharem o máximo possível, pois sua remuneração era proporcional à quantidade de trabalho que delas podiam extrair”. (Marx, K. apud Nosella, 2005, p. 133).

Este processo de industrialização transforma profundamente a vida das famílias trabalhadoras, e muitas das funções diárias dos membros familiares são simplesmente abandonadas, e delegadas a outros – como a educação e o cuidado das crianças.

Segundo Nosella (2005), neste momento torna-se indispensável encontrar formas substitutivas de atendimento infantil, uma vez que as mães de família eram absorvidas como mão de obra nas indústrias. Assim, a questão da guarda e da educação das crianças torna-se assunto principal no debate político, na legislação social e nas reformas educativas desde o final do século XVIII.

Convém não esquecer que o século XVIII foi também o século que inventou a criança. A sociedade em que adultos e adultas, velhos e velhas, jovens e crianças se encontram misturados no trabalho e nas diversões, nas festas e cerimônias (conforme mostra a ilustração de Pieter Breueghel), cede o lugar àquela – a nossa – em que a infância, cuidadosamente segregada, torna-se um objeto específico de atenção no plano social: daí em diante, suas tarefas e brincadeiras terão o único objetivo de contribuir para a própria formação. (Schérer, 2002 p. 17)

A luz deste debate, destaca-se a influência das utopias sociais dos filósofos iluministas, sobretudo Jean-Jaques Rousseau, que em sua obra clássica *Emílio ou Da Educação*, indica ser a educação uma alternativa para a construção de uma outra sociedade, mais justa e igualitária. Alertando para a importância de se assumir a educação das crianças desde a pequena infância, antes que elas sejam corrompidas pela sociedade em seu relacionamento direto com esta.

De forma semelhante, o socialista utópico Charles Fourier encarava com desconfiança o progresso, partilhando de uma das convicções de Rousseau – a de que a humanidade escolhera um caminho errado ao adotar a civilização, e que outra realidade societária fazia-se necessária. Fourier dedicou grande atenção sobre o papel da criança na sociedade e sobre os objetivos de sua educação.

A criança para Charles Fourier é livre, pode bastar-se a si própria, ganhar sua vida; ela é, num certo sentido, “maior”; se não totalmente independente, pelo menos emancipada. Ao mesmo tempo, Fourier preconiza exatamente o contrário de uma vida independente, o que significa solitária. Nele tudo é coletivo, tudo está subordinado ao bem comum. Para o socialista utópico, o único princípio de ação das crianças, como, aliás, de todo homem e de toda mulher é a busca pelo prazer, obedecendo ao livre direcionamento de suas paixões, respeitando o princípio da atração passional. Logo, a preocupação com a educação será fazer com que a atração das paixões pulsantes se oriente em benefício da coletividade. (Schérer, 2007 p. 33)

### BIBLIOGRAFIA

- COELHO, Teixeira. *O que é Utopia*. São Paulo - SP: Brasiliense, 1985. 5ª edição.
- ENGLES, Friedrich. *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*. São Paulo - SP: Centauro, 2005, 2ª edição.
- FOURIER, Charles. *A Infância Emancipada*. Lisboa – Portugal: Antígona, 2007.
- HOBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções – 1789 – 1848*. Rio de Janeiro – RJ, Paz e Terra, 10 ed. 1996.
- KONDER, Leandro. *Fourier, o socialismo do prazer*. Rio de Janeiro – RJ, Civilização Brasileira, 1998.
- PETITFILS, Jean-Christian, *Os Socialismos Utópicos*. São Paulo-SP: Circulo do Livro S.A., 1977.
- NOSELLA, Paolo. “A linha vermelha do planeta infância: o socialismo e a educação da criança” In: *Os intelectuais na história da infância*. FREITAS, M. C. de; KUHLMANN Jr, M. (org.) p. 129 - 166)
- PIOZZI, Patrícia. *Robert Owen em New Lanark: Um laboratório do futuro?* Campinas - SP: Pró-posições. Vol. 10 n. 1 (28) março. 1999 p.7 -15.
- SCHÉRER, René. *Infâncias: Charles Fourier e a infância para além das crianças*. Belo Horizonte – BH: Autêntica Editora, 2009.
- GALEANO, Eduardo. *Direito ao delírio*. -

In memória ao pai João Geraldo.  
... que, em uma reunião escolar com pais e mestres,  
quando fui criticado ele ficou ao meu lado...